

SELMA VERDINASSE

(BOLSISTA)

ANA MARIA DOMINGUES DE OLIVEIRA

(ORIENTADORA)

**“ESTUDO DA FORTUNA CRÍTICA DE JOÃO ANTÔNIO
EM SUA BIBLIOTECA PESSOAL”**

RELATÓRIO FINAL (julho a dezembro de
2001) referente ao Processo 00/12945-0

UNESP

Assis, 2001

Sumário:

1- Introdução

2- Objetivos

3- Metodologia

4- Resultados

5- Conclusão

6- Anexos

a) Relação de periódicos

b) Entrevista

c) Sinopses dos textos

1- Introdução

João Antônio Ferreira Filho, jornalista e escritor, é um dos mais importantes contistas da literatura brasileira contemporânea. Sua obra é bastante heterogênea, pois, além de contista, foi jornalista, cronista e romancista. Teve vários de seus contos premiados, entre eles, os de seu primeiro livro: *Malagueta, Perus e Bacanaço*, duas vezes premiado com o prêmio *Jabuti* e com o prêmio *Fábio Prado*. Além disso, ganhou concursos promovidos pelos jornais *Tribuna da Imprensa*, com “Meninão do Caixote” e no *Última Hora* com “Natal na Cafua”. Em 1977, teve seu conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” adaptado ao cinema, com o título *O jogo da vida*. João Antônio, além de merecer a atenção de importantes críticos brasileiros como, Antonio Candido, Alfredo Bosi e Mário da Silva Brito, e de alguns escritores como Jorge Amado, José J. Veiga, também alcançou o reconhecimento da crítica internacional, tendo sua obra traduzida e publicada nos mais diversos países da Europa e América Latina. Além disso, possui alguns artigos críticos e algumas teses defendidas no exterior sobre sua obra.

O que acontece então, para que este contista reconhecido pela crítica não seja conhecido do público letrado de nosso país? Talvez uma das causas seja a falta de organização e divulgação da obra e da crítica deste contista paulistano. E é exatamente esse o objetivo dos pesquisadores que trabalham no “Arquivo João Antônio”.

2- Objetivos

O objetivo deste projeto está na organização da crítica sobre a obra de João Antônio que se localiza na biblioteca do “Arquivo João Antônio”. Este material facilitará a pesquisa dos estudiosos na área, uma vez que a ficha bibliográfica produzida, além de uma sinopse do artigo, conterá a referência bibliográfica e a localização das mesmas, no Arquivo. Sendo assim, este material contribuirá para as novas fontes de consulta de João Antônio, auxiliando na descoberta de novos caminhos para a análise da obra do contista.

Na primeira etapa da pesquisa, elaboramos:

- 1- o levantamento da fortuna crítica de todo o “Arquivo de João Antônio” (livros e periódicos acadêmicos);
- 2- as fotocópias dos textos encontrados;
- 3- a sistematização dos mesmos em fichas, contendo a referência bibliográfica;
- 4- a sinopse de grande parte dos textos, também colocada nas fichas.

Nesta segunda etapa da pesquisa, elaboramos:

- 1- a sinopse dos demais artigos do “Arquivo de João Antônio”, e sua colocação em fichas;
- 2- transcrição da Conferência de João Antônio à Universidade Estadual Paulista (UNESP)
- 3- Pesquisa nos periódicos da “Biblioteca da Faculdade Ciências e Letras de Assis” (a relação completa dos títulos pesquisados encontra-se em anexo);
- 4- as fotocópias dos textos encontrados;
- 5- referência bibliográfica e sinopse dos mesmos;
- 6- elaboração de ensaio sobre o material encontrado.

3- Metodologia

O projeto propõe a discussão da crítica encontrada sobre o contista João Antônio; sendo assim, pesquisamos todo o material acima referido, anotando as peculiaridades e semelhanças entre os artigos encontrados.

Não obstante gostaríamos apenas de salientar que este é um projeto que possui caráter de iniciação e deverá ser fruto de futuros desdobramentos, em graus superiores de complexidade.

Na primeira etapa deste projeto, os volumes localizados foram xerografados e catalogados, através de um sistema de fichas informatizado, contendo a referência bibliográfica, seguida da sua sinopse. O material encontrado foi xerografado e reunido em pastas.

Na segunda etapa, concluímos as resenhas dos textos, seguindo o método utilizado na primeira etapa. Além disso, como ampliação do projeto, transcrevemos uma Conferência de 1h25min. cedida por João Antônio à Universidade Estadual Paulista. Posteriormente, fizemos uma pesquisa nos periódicos da Biblioteca da FCL de Assis, fazendo as sinopses dos textos e incorporando-os aos já localizados. Todo este material faz parte do anexo deste Relatório.

O produto final do Projeto, ou seja, os volumes localizados no “Arquivo João Antônio”, e na biblioteca, foram devidamente xerocados e doados ao “Arquivo João Antônio”, como também o disquete com a transcrição da Conferência. Este material servirá para o uso dos pesquisadores da área, além de pesquisas futuras da aluna bolsista, na pós-graduação.

É necessário observarmos que, a opção pela transcrição desta entrevista foi devido à sua riqueza no que tange às palavras de João Antônio, falando sobre sua criação literária e os autores que o influenciou, entre outros.

Gostaríamos de ressaltar, ainda, que o recorte da pesquisa na “Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras”, limitando o levantamento aos periódicos, ocorreu pela escassez do tempo. O acervo de literatura brasileira de nossa biblioteca é bastante vasto, bem como o de periódicos, inviabilizando, no prazo proposto, o trabalho completo. Assim, optamos pelo levantamento nos periódicos, como forma de disponibilizar ao menos parte dos textos sobre João Antônio localizáveis em nossa biblioteca.

4- Resultados

Este projeto se encontra em um conjunto de vários outros trabalhos sobre a obra de João Antônio. Ele trata, particularmente, dos textos de crítica sobre o contista, que se encontra em livros e periódicos acadêmicos.

Nossa proposta foi a de pesquisar o “Arquivo João Antônio”. Acabado nossa pesquisa dentro do Arquivo, nos propusemos a trabalhar com a crítica, que se encontra na “Biblioteca Faculdade Ciências e Letras Assis”, e também, com a transcrição da entrevista, cedida por João Antônio à Universidade Estadual Paulista (UNESP). O conjunto do material sistematizado totaliza 102 textos, sendo que 84 foram encontrados no “Arquivo João Antônio” e 18 foram encontrados na biblioteca.

A partir dessa pesquisa, podemos ter um visão mais completa, quer seja da crítica acerca de João Antônio, seja através dos textos publicados em livro seja através dos artigos em revistas acadêmicas, ou mesmo através da entrevista transcrita. O conjunto reúne títulos importantes e é bastante completo, ao menos no que concerne à fortuna crítica de João Antônio localizada no câmpus de Assis.

Pudemos ter contato com a visão de João Antônio sobre sua poética, sobre a literatura brasileira e universal, como também, sua postura política frente aos problemas que nosso povo vive, mostrando a importância dada por João Antônio ao nosso povo.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que tanto os textos xerografados como o disquete da transcrição da entrevista, foram doados ao “Arquivo João Antônio”.

5- Conclusão

Antes de mais nada, gostaríamos de ressaltar a importância desse trabalho, num grupo maior de estudos sobre o contista João Antônio. Entre eles, encontram-se os trabalhos de mestrado desenvolvidos pelas pesquisadoras Jane Christina Pereira e Cássia Alves Ferreira, que trabalham com a crítica sobre João Antônio publicada em jornais. Esta pesquisa, assim, procura trabalhar, em especial, com os livros e revistas acadêmicas, contendo crítica sobre o contista.

Sendo assim, esta pesquisa de rastreamento dentro do arquivo fez com que a pesquisadora conhecesse, de um modo mais profundo, o “mundo particular” do escritor João Antônio, podendo conhecer os livros com que o contista teve contato, livros de diversas línguas, em especial na língua alemã.

Verificamos que os textos localizados somam um total de 102 títulos, dentre os quais, títulos bastante variados no que diz respeito ao tamanho, ao tom de que se servem e à situação em que foram publicados.

Há , também, 11 títulos em língua estrangeira, em inglês, espanhol, francês e alemão. Devido ao fato de não conhecermos estes idiomas, não foi possível fazer as sinopses dos textos em francês e alemão.

De qualquer forma, nos textos estudados, notamos que a obra de João Antônio é analisada, de modo especial, por sua temática, como também, por seu trabalho com a malandragem e o submundo. Outro enfoque de análise é dado em seus personagens: malandros, merdunchos, pobre-diabos, marcando seu estilo de linguagem, ao utilizar gírias que dão vida às suas personagens.

Mesmo em estudos de maior complexidade, como é o caso de *A desmistificação do malandro em contos de João Antônio* (LOMBARDO, 1991), ocorre um trabalho com o

submundo da malandragem. Outro exemplo está em *Na noite enxovalhada* (CANDIDO, 1999), onde encontramos um profundo estudo com a linguagem de João Antônio e sua propriedade de aproximar narrador e personagem, em um único estilo de linguagem.

Há, particularmente, uma atenção dedicada às gírias utilizadas por João Antônio, e, graças a essas gírias, Nelly Novaes Coelho dá ao estilo de João Antônio, o nome de *joãoantonês*.

Em diversas circunstâncias, temos acentuada a relação entre vida e obra, nos contos de João Antônio, tanto nas entrevistas cedidas por ele como nas críticas propriamente ditas, feitas ao contista. Como prova disso, temos, por exemplo, a bibliografia de *Lambões de Caçarola* (ANTÔNIO, 1977), em que temos comentários sobre as personagens de João Antônio, como “resultado de suas amizades com malandros, jogadores e prostitutas”. Vemos, ainda, essa evidência apontada pelo próprio autor: “Não imaginei nada na história de Malagueta. Simplesmente foi a coleta de uma experiência vivida numerosas vezes e que ainda se vive”. (ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, 1987).

Curiosamente, os artigos críticos sobre João Antônio apontam uma literatura de cunho social, e, portanto de denúncia às injustiças sociais do país, como em “Lambões de Caçarola”. Isso se deve ao fato de sua obra ter sido publicada, em grande parte, no fim da década de setenta e início da década de oitenta. Uma coisa a ser observada é que, durante o intervalo de tempo entre a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e a publicação *Leão-de-Chácara*, não encontramos nenhuma publicação da crítica sobre o autor, atestando o fato de que João Antônio fora uma “explosão” (ou *boom*, como ele mesmo costuma dizer), conseguida pelos prêmios que Malagueta lhe rendeu, mas logo em seguida, o contista cai no esquecimento da crítica.

Depois da morte de João Antônio, em 1996, houve algumas publicações, em revistas acadêmicas, sobre sua obra, como por exemplo o número especial da revista *Remate de Males*

(1999), em que temos textos de vários grandes nomes da crítica brasileira contemporânea como Antonio Candido e Fábio Lucas, analisando sua obra.

Enfim, a pesquisa feita na biblioteca se revelou importante, na medida em que, atualizou a crítica (contida em revistas acadêmicas) sobre o contista e que havia sido publicada após a sua morte em 1996.

Nos vários textos analisados, observamos a comparação que se estabelece entre João Antônio e diversos nomes da literatura brasileira e universal:

- Gregório de Matos pelo signo do rancor (PAES, 1990)
- *Um copo de cólera* de Raduan Nassar, pela gíria (PAES, 1990)
- Alcântara Machado com *Brás, Bexiga e Barra Funda*, pelo espaço paulistano (BRITO, 1976)
- Jeferson Ribeiro de Andrade com *Um homem que bebe cerveja do bar do Odilon*, pela linha da ficção de sentido popular (BRUNO, 1980)
- Ignácio de Loyola Brandão, por ser de uma geração de literatura crítica (BRUNO, 1980)
- Dalton Trevisan, Hermito Borba Filho, Tânia Faillace, John Rechy, Plínio Marcos e Tennessee Williams, por todos trabalharem com o mundo da “marginália” (ROSA, 1977)
- Balzac, pela dose de sangria ao recriar a personagem (ROSA, 1977)
- *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, pelo protesto (BOSI, 1986)
- Lima Barreto, pelo trabalho com a vida difícil (AMADO, In: *Dedo-Duro e Meninão do Caixote*)
- Antônio de Alcântara Machado e Damon Runyon, por serem contistas urbanos que trabalham com o povo (BRITO, 1963)
- João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos, por João Antônio atualizar a inclinação severina ou fabiana (RAMOS, 1991).
- Guimarães Rosa ,pela linguagem particular (COELHO, 1976)

- Jorge Amado, pela tematização do povo (FREITAS, sd.)

Através dessas comparações, temos um panorama literário em que a obra de João Antônio se insere: um contexto de literatura crítica, que trabalha com o povo, protestando as injustiças sociais, focalizando um espaço paulistano da malandragem; daí, o recurso de gírias, como forma de aproximação entre linguagem, espaço e personagem em seus contos.

Esta pesquisa nos proporcionou o conhecimento dos nomes pelos quais João Antônio é chamado, entre outros:

- “clássico velhaco”, por Marques Rebelon (ANTÔNIO, Vida Cachorra, 1977)
- “que escreve com um soco” (Durigan, 1989)
- “poeta dos malandros e dos pobres-diabos” (BRITO, 1963)
- “Guimarães urbano” (COELHO, 1976)
- “contista do popular paulistano” (RAMOS, 1990)

Novamente, temos, por estes nomes, qual ênfase que é dada na obra do contista: que trabalha com o submundo da marginalidade, com o povo e com os malandros.

Quanto aos comentários críticos inseridos em suas obras, verificamos que, eles são muito ricos, até quando compostos de apenas algumas linhas, como por exemplo, os comentários de *Lambões de Caçarola* (ANTÔNIO, 1977). No entanto, os comentários dos livros abaixo mencionados são comentários mais consistentes, abordando, de forma mais profunda, a obra do contista, abrangendo, entre outros, personagem, linguagem e a transposição da realidade em seus contos. Eis:

- “A sofrida arraia miúda de João Antônio” (BRITO, In: *Leão-de-Chácara*, 1976). Este artigo é importante por inserir a obra de João Antônio na moderna literatura brasileira, analisando as personagens e a linguagem de *Leão-de-Chácara*;

- “Dois olhares, uma vida” (ALVES, In: *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, 1977), por apontar a peculiaridade desse livro, em comparação aos outros do mesmo autor;
- “Estudo introdutório” (NUNES, *10 contos escolhidos*, 1983), pela atenção dedicada a *Malagueta, Perus e Bacanaço*, levando em conta três aspectos de sua obra: o da personalidade do autor, o da visão do ficcionista e o da linguagem que decorre, dos dois primeiros;
- “Jacarandá e sua constelação de máscaras” (LUCAS, *Um herói sem paradeiro*, 1993), por analisar esta obra e este herói de papéis variados constituindo uma “constelação de máscaras”, e seu trabalho com a linguagem;
- “João Antônio: A literatura vivida” (SILVEIRA, *Guardador*, 1992), por abordar o tipo de ficção e personagens do contista;
- “João Antônio: o leão e a estrela” (DURIGAN. In: *Leão-de-Chácara*, 1989). Este artigo aponta a preocupação de João Antônio com uma literatura social, descrevendo todos os nomes com que João Antônio é conhecido, nomes que rotulam o escritor, mas que não esgotam outros sentidos existentes em sua produção. Este texto é importante, também, por suas considerações sobre *Leão-de-Chácara*, e sua relação com outros livros do mesmo autor.
- “Momentos decisivos” (SILVEIRA, *Casa de loucos*, 1976), por abordar a *collage* feita por João Antônio neste livro e sua opção em abandonar os formalismos estilísticos
- “Ô Copacabana” (LAGO, *Ô Copacabana*, 1978). Este texto comenta o tipo de literatura feita em *Ô Copacabana*, retratando o dia-a-dia da gente do povo
- “O escritor João Antônio” (VEIGA, *Guardador*, 1992), por discutir a classificação de João Antônio em não tão somente em uma literatura paulista, mas sim, literatura

brasileira. Além disso, discute o porquê da comparação entre João Antônio e Lima Barreto ser superficial

- “Os malandros paulistas entram na literatura” (BRITO, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, 1963), pelas comparações feitas por Mário da Silva Brito, inserindo o contista em uma “crônica da malandragem”
- “Os meninos de João Antônio” (CUNHA, *Meninão do Caixote*, 1991), por comentar o tipo de personagem com que João Antônio trabalha em “Meninão do Caixote”, “Frio”, e “Lambões de Caçarola”: todos, meninos de rua.
- “Um boêmio entre duas cidades” (BOSI, *Abraçado ao meu rancor*, 1986). Este artigo é importante por discutir o fazer literário na produção de João Antônio, até mesmo, comparando-o a Lima Barreto
- “Um corpo-a-corpo com a vida” (BRITO, *Malhação do Judas Carioca*, 1976), por tratar da preocupação de João Antônio em retratar a realidade dos sofridos. Esta é uma das chaves de leitura da obra do contista.

-

Certamente, os livros de literatura brasileira, que contêm textos críticos de maior peso sobre a obra de João Antônio, são estes elencados abaixo:

- “Abraçado ao meu rancor” (LUCAS, In: *Colóquio Letras*, 1987), esta resenha por Fábio Lucas analisa as perspectivas de análise da obra de João Antônio, como também resenha cada conto que integra esse livro;
- “A desmistificação do malandro em contos de João Antônio” (LOMBARDO, *Itinerários*, 1991), pela análise de *Leão-de-Chácara*, desmistificando o malandro na obra de João Antônio;

- *A posse da terra: escritor brasileiro hoje* (MEDINA, 1985), em “Na corda bamba, a arte dos pingentes”, fala sobre a relação da vida-literatura, essencial para compreender a produção literária do contista
- “Arraia Miúda de João Antônio” (BRITO, *Protótipo*, 1975). Mário da Silva Brito discute sobre seu estilo e linguagem, analisando as histórias de *Leão-de-Chácara*. Deve-se ressaltar que este texto comporia, mais tarde, a introdução de *Leão de Chácara*
- *Conto brasileiro contemporâneo* (HOHLFELDT, 1981). Antônio Hohlfeldt discute sobre o ambiente, o tempo e as personagens de João Antônio, apontando que *Malagueta, Perus e Bacanaço* possui uma narrativa lírica enquanto que *Leão-de-Chácara* possui uma narrativa mais documental
- “Ilustração e defesa do rancor” (PAES, *A aventura literária*, 1990). Estes comentários tratam de *Abraçado ao meu rancor*, analisando suas histórias, personagens e espaço, apontando o caráter expiatório-confessional de sua obra
- “Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão-de-Chácara” (COELHO, *Protótipo*, 1976). Nelly Novaes Coelho resenha dois livros do contista, e sobre a obra de João Antônio. Este texto é muito importante, principalmente, pela proposta da autora em denominar a literatura de João Antônio com a linguagem de *joãoantonês*
- *Marginália* (RIBEIRO, *Cultura Contemporânea*, 1977). Por discutir sobre o termo “literatura marginal”, apontando os autores que trabalham com o mundo da “Marginália”. Em um parágrafo especial, trata sobre como se dá esse “mundo” na obra de João Antônio
- *Novos Estudos de Literatura Brasileira* (BRUNO, 1980). Por seus ricos comentários sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-Chácara e Malhação do Judas Carioca*
- “O caso João Antônio” (FREITAS FILHO, *Anos 70*, 1979-1980). Este artigo é importante por discutir onde incluir a obra de João Antônio, em uma literatura engajada

que reflete, além do momento histórico, a figura do marginal e também o neonaturalismo de João Antônio

- *O conto brasileiro contemporâneo* (BOSI, 1998), em que Alfredo Bosi comenta a linguagem e o estilo de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que contém uma linguagem lírica popular
- *O conto e as classes subalternas* (POLINÉSIO, 1994). Temos uma análise comparativa entre “Toninho tala larga” de Ariosto Augusto de Oliveira e “Paulinho Perna Torta” de João Antônio; em um segundo momento, temos um paralelo entre as literaturas brasileira e italiana. Em “O conto sócio-documental”, temos a análise do foco narrativo, a linguagem e as personagens de João Antônio
- *O romance reportagem e o romance denúncia em Malhação do Judas Carioca e Aracelli meu amor* (MEISTER, *Letras de hoje*, 1999). Esta comunicação compara os livros de João Antônio com *Aracelli meu amor* de José Louzeiro
- *Os meninos na literatura brasileira* (RESENDE, 1988). Comenta sobre os meninos e sua relação com a marginalidade, meninos estes, trabalhados em *Meninão do Caixote*. Sendo assim, analisa cada um dos contos que compõem este livro do contista
- “1º ciclo de debates sobre autores e livros do vestibular” (Estudo da obra: *Meninão do Caixote*, João Antônio: PUC, 1985), por termos uma análise dos quatro contos que compõem este livro, inserindo *Meninão do Caixote* em uma literatura engajada, analisando os problemas sociais propostos nestes contos
- *Remate de Males*, revista dedicada a João Antônio contendo entre outros alguns depoimentos, como o da poeta Ilka Laurito, que são essenciais para se entender o processo de criação de João Antônio. Além disso, graças a essas correspondências, João Antônio pode recompor seu primeiro livro, perdido em chamas. Há, também, outros

artigos muito importantes, como os de grandes críticos como Fábio Lucas e Antonio Candido.

Fazendo uma pequena sondagem nos artigos sobre João Antônio publicados em jornais, podemos observar que muitos dos trechos escolhidos para comporem as orelhas dos livros do contista integram a crítica existente em jornais sobre o contista. Gostaríamos de dizer que, infelizmente, pelo curto prazo de que dispúnhamos, não foi possível trabalhar em um rastreamento mais preciso sobre todos estes títulos com que tomamos contato. No entanto, a título de exemplo, podemos citar o artigo de Edna Savaget, intitulado “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de que foi retirado o trecho em que Savaget comenta que, antes de João Antônio, o submundo nunca havia tido um “amante tão prepotente”.

Já dentre os textos de língua estrangeira, foram feitas as sinopses dos textos de língua inglesa e espanhola. Estes textos são importantes porque, através deles, tomamos contato com a visão mundial da crítica acerca do contista. No artigo em espanhol, temos uma preocupação com a vida do contista e com os prêmios que *Malagueta, Perus e Bacanaço* lhe rendeu. Já, no artigo em língua inglesa: “Brazilian authors translated abroad”, temos um quadro sobre os contos do contista traduzidos no estrangeiro, importante por trazer as obras de muitos autores brasileiros traduzidos no estrangeiro.

Pelas entrevistas cedidas por João Antônio, podemos conhecer seu processo de criação literária, tendo maior contato com o mundo em que viveu, seus ideais literários e políticos, sua preocupação com profissionalização do escritor brasileiro, suas preferências literárias, sua admiração por Lima Barreto e Noel Rosa, suas experiências profissionais, enfim, sua relação com o público leitor e suas experiências pelo mundo.

Em especial, a entrevista transcrita por nós fez com que conhecêssemos mais intimamente o mundo de João Antônio. Além de seu processo de criação e de seus ideais

políticos, foi possível perceber, mesmo no âmbito lingüístico de sua fala na entrevista, as mesmas repetições que utiliza em suas obras literárias. Talvez isso possa apontar para uma transposição, em seus contos, da sua maneira própria de falar, enquanto pessoa comum.

Há momentos em que podemos notar seu perfeccionismo, logo no início da entrevista, ao corrigir os erros de Edson (o entrevistador). Convidado a falar sobre a poética existente em sua produção, João Antônio, além desse tema, aborda outros, como a realidade do povo brasileiro, sua vida pessoal, como inicia seu gosto pela literatura, sua paixão pela música e, conseqüentemente, por Noel Rosa, as influências que sofrera de Graciliano Ramos e Hemingway, com *O velho e o mar*. Em especial, discorre sobre o tema “marginalidade”, que ao seu ver, prescinde o conhecimento de *Desabrigo* de Antônio Fraga, com a visão de dentro para fora deste mundo. Além disso, discorre sobre o “sistema literário” de Antonio Candido com o tripé: autor-obra-público, explorando, de um lado, a existência de excelentes autores, convivendo em uma mesma época, e de outro, a falta de um público leitor formado.

Enfim, através de todo esse material coletado, podemos entender, de forma mais clara, o contexto literário em que a obra do contista se insere – uma geração de literatura crítica; daí, o nome que sua obra recebe: literatura sócio-documental, que denuncia a realidade dos sem voz e nem vez da sociedade em que vivemos, literatura que trabalha com o popular (trabalho este iniciado com a geração de 30, mais precisamente, com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, descrevendo o povo sertanejo, e com Lima Barreto descrevendo o povo da cidade grande).

As matérias em que temos apenas citações do nome de João Antônio, podem ser de grande importância, visto que muitas vezes inserem João Antônio em um grupo de escritores de um mesmo tipo de fazer literário, empenhados em um mesmo tipo de preocupação social. Sendo assim, mesmo no caso de *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, em que nós temos apenas o nome de João Antônio citado em duas notas este livro, se torna importante, por localizar a obra de João Antônio, em um contexto histórico-literário. Além do

mais este é um das referências mais importantes, quando tratamos de história da literatura brasileira.

É necessário, enfim, ressaltar que todo este material que se encontra no “Arquivo João Antônio” mostra a preocupação de João Antônio com a recepção da crítica pela sua obra.

Para finalizar, gostaríamos apenas de apontar que esta pesquisa organizou a crítica sobre o contista que estava perdida em meio a 12 mil volumes de variados títulos e assuntos. Assim sendo, as cópias xerografadas dos textos encontrados contribuirá para a conservação destes originais, que não mais precisarão ser manuseados.

Portanto, temos, agora, um quadro preciso da crítica brasileira sobre João Antônio que foi atualizada pela pesquisa feita na “Biblioteca da Faculdade Ciências e Letras-Assis”. Acrescenta-se que a entrevista transcrita, tão rica em seus apontamentos, já pode ser consultada pelos pesquisadores que trabalham no “Arquivo João Antônio”.

ANEXOS

RELAÇÃO DOS PERIÓDICOS PESQUISADOS NA BIBLIOTECA DA F.C.L.As.

- ANUÁRIO da LITERATURA BRASILEIRA. Rio de Janeiro.
- ANUÁRIO. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo – Faculdade “Sedes Sapientiae”.
- BOLETIM. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gublenkian.
- CADERNOS DA PUC – RJ. Rio de Janeiro.
- Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG.
- Cadernos de Teoria e crítica Literária. Araraquara, SP: UNESP – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação.
- Ciências e Letras. Porto Alegre, RS: Faculdade Porto – Alegrense de Educação, Ciências e Letras.
- CLÃ: Revista de Cultura. Fortaleza, CE: Universidade do Ceará.
- COLÓQUIO/LETRAS. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gublenkian.
- CONSTRUTORA: Revista de Lingüística, Língua e Literatura. Curitiba, PR: Universidade Católica do Paraná.
- CONVERGÊNCIA: Revista da Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG.
- DIÁLOGO: Revista da Cultura. São Paulo: Sociedade Cultural Nova Crítica.
- ENFOQUE. Bento Gonçalves, RS: Fundação Educacional da Região dos Vinhedos.
- ESCRITA: Revista Mensal de Literatura, São Paulo.
- Estudos: Lingüísticos e Literários, Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia.
- Estudos Lingüísticos. São Paulo: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo.
- LEITURA: TEORIA & PRÁTICA, Porto Alegre, RS: Mercado Aberto.
- LETRAS: Curitiba, PR: Faculdade de Filosofia: Universidade do Paraná.
- LETRAS DE HOJE. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LETRAS & LETRAS: Uberlândia, MG: Departamento de Letras – Universidade Federal de Uberlândia.
- LINGUAGENS: Literatura/Estudos. Rio de Janeiro: PUC – RJ.
- MIMESIS. Bauru, SP: Faculdade do Instituto dos Apóstolos do Sagrado Coração de Jesus

- MIMESIS: Revista de Letras. São José do Rio Preto, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Salvador, BA.
- REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. São Paulo.
- REVISTA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA de SÃO PAULO. São Paulo.
- REVISTA da UNIVERSIDADE FEDERAL de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.
- REVISTA DE LETRAS. Assis, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.
- REVISTA DE LETRAS. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná.
- REVISTA DO LIVRO. Rio de Janeiro.
- UNILETRAS. Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- SIGNO, Santa Cruz do Sul, RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

CONFERÊNCIA UNESP

Conferência cedida por João Antônio Ferreira Filho à UNESP

Fita n.º 1 – lado A

Mulher: Então, em nome da coordenação do Conselho de pós-graduação em Estudos Literários, eu tenho a maior satisfação em apresentar o professor, o professor não, o escritor e jornalista João Antônio.

É uma oportunidade rara, não é, de tê-lo aqui e é uma oportunidade feliz porque é a primeira vez que a gente tem o próprio autor assistindo, não é? A defesa de um trabalho sobre ele.

O Edson teve a feliz iniciativa de pedir que a gente trouxesse o João Antônio.

Agora, eu não ousaria apresentar o João Antônio, diante do maior especialista que está aqui na frente da gente. Então, eu peço, pro Edson, ele mesmo apresentar o João Antônio.

Edson: Bom, primeiramente, eu agradeço o especialista, aí, não é, nem tão especialista que eu trouxe até aqui o meu papelzinho para orientar. Porque afinal são mais de trinta anos de literatura e de luta aí, que fica difícil resumir, não é?

No entanto, vou levantar algumas coisas, e as outras, com certeza, a própria discussão que se seguirá deve apresentar.

João Antônio, jornalista e escritor, nasceu na capital paulista, no bairro de Presidente Altino. Filho de operários, educado na rua, escola de pobre, conheceu desde cedo o subúrbio de dentro. A figura do pai teve uma grande importância na vida dele, porque foi através do pai que ele conheceu as rodas serestas e de chorões e que, ele vai adquirindo então, através da sensibilidade de ouvir e de sentir, , embora não tenha aprendido a tocar, até por uma certa imposição materna. Mas, sentindo a necessidade de desenvolver o lúdico, de desenvolver a sensibilidade, ele procurou, então, um outro arremedo, que no caso foi a escrita, né?

Na adolescência, o pai passa por dificuldades financeiras, e ele trabalha como caixeiro, auxiliar de escritório, office boy, bancário, almoxarife, estudando à noite. Ainda na adolescência, conhece a sinuca, boêmios, mulheres, em espaços de movimento e alegria, como a zona da rua Itaboca e dos Aimorés, espaço que ele gostava e de onde ele retirou muitos de seus personagens. O gosto pela palavra também vai crescendo dentro dele.

Conhece Graciliano Ramos de quem lê toda a obra, intrigado com a garra e com o sentido desse escritor. Lê clássicos brasileiros e europeus, em meio à poeira de Vila Anastácio. Começa a ensaiar alguns escritos e percebe que o conto melhor penetra a vida dos merdunchos dos subúrbios e dos abandonados pela grande cultura, dos deserdados dessa nação.

Redator de agência de publicidade, estudante de jornalismo na Casper Líbero, participa de concursos literários. Vence um concurso e na extinta revista *A cigarra*, com o conto *Fujie*, tendo como julgadores, entre outros, Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda.

A partir daí, é procurado por escritores que se assustam com sua idade. Aos vinte anos, julgavam-no mais velho devido ao extremo conhecimento que tinha da malandragem pelo livro publicado. E inicia sua carreira literária.

Em 1963, publica *Malagueta, Perus e Bacanaço*, seu grande clássico, levando dois prêmios jabutis de uma só vez, melhor livro de contos do ano e revelação de autor. Desde então, tem angariado vários prêmios, traduzidos e publicados em países da América e europeus os trabalhos de João Antônio foram alvos de algumas teses de mestrado na Alemanha, Holanda, Itália e tem sido também, alvo de teses no Brasil.

Abraçado ao meu rancor, um livro de oitenta e seis, mereceu recentemente o seminário em Frankfurt. Agora em noventa e três, novamente ganha o prêmio *Jabuti* com a coletânea de contos *O Guardador*, como melhor livro do gênero.

A prosa de João Antônio é sobretudo viva e por essa razão, encontramos em seu texto expressões e neologismos ainda não dicionarizados. É de sua autoria a expressão “Imprensa Nanica” para designar jornais alternativos da década de setenta. Pelos livros de João Antônio circulam jogadores de sinuca, gigolôs, prostitutas, viradores, praças, dedos-duros, artistas decadentes, leões de chácaras e malandros. Atualmente, vive no Rio de Janeiro, em Copacabana.

Acho que já passo a palavra pro João Antônio.

João Antônio: Parece-me que há apenas duas corrigendas a fazer, nessa visão biográfica que Edson teve sobre esse aqui, que vai vos falar.

Primeiro, não é “O Guardador”, é *Guardador*. Eu jamais usaria, muito vaidoso que sou, ninguém é mais vaidoso sobre o sol do que eu, ah, aliás do que qualquer artista; o artista é para alguns, um caso de Narcisismo assumido, tanto que ele assina claramente aquilo que ele produz e por mais que ele se disfarce em modéstia, a modéstia do artista sempre será um deboche. Jamais acreditem em modéstia de artista, é falsa. Jamais usaria o artigo definido em

conto meu ou livro: o, a, os, as. Posso usar indefinido uma, uns, etc. Por uma questão de vaidade, de peculiaridade, absolutamente besta.

Outra coisa, eu não nasci em Presidente Altino, infelizmente. Eu nasci na rua Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, maternidade de São Paulo, centro de São Paulo. É um lugar maravilhoso, uma casa de saúde que naquele tempo, em que eu nasci, em 1937, no dia 27 de janeiro, podia ser freqüentada por gente pobre. O único defeito daquela casa é que nasceram algumas pessoas indecorosas ali, como o Sr. Paulo Salim Maluf. (risos)

Bom, continuando a coisa, eu devo dizer o seguinte: eu acho que vai haver aqui, um problema de tempo. Conversa com João Antônio, é sempre conversa pra uma semana, até porque eu tenho tido um estilo elíptico de pensar, pelo menos quando eu expresso, quando eu verbalizo o meu pensamento. Eu queria transformar essa minha conversa com vocês, muito mais em perguntas e respostas, do que exatamente uma dicção linear minha. Me foi aventado um problema do qual eu tenho falar que é a presença de uma poética dentro da minha ficção, da minha prosa de ficção. Eu sou muito interessado nessa coisa de arte poética.

Inicialmente, eu gostaria de transformar essa nossa conversa em duas homenagens: uma a um grande músico, maestro que é desta região dos grandes músicos brasileiros de todos os tempos, infelizmente muito mal conhecido, porque este país é especialista em desconhecer, e até assassinar culturalmente seus melhores filhos. Eu estou falando do maestro Acendino Teodoro Nogueira, um dos músicos mais respeitados do Brasil, dentro da classe musical, mas que infelizmente não é conhecido neste país. E em segundo lugar eu queria também prestar uma homenagem a (dá um tempo para entonação), um homem que foi fundamental como peça pioneira, inovadora, revolucionária, dentro deste tema sobre o qual eu pretendo falar alguma coisa pra vocês e que dizem aí que eu entendo alguma coisa. Trata-se de Antônio Fraga. Antônio Fraga é autor de uma novela chamada *Desabrigo*, absolutamente pouco conhecida, muito mal distribuída foi produzida em 1942, na época criou, ah, é uma novela curtíssima, mas na época criou uma repercussão enorme, até em homens como, por exemplo, Oswald de Andrade, etc. O Fraga morreu recentemente e eu talvez tenha sido o único jornalista brasileiro a escrever sobre ele; eu não vou ler a página do Fraga aqui porque é longa: são nove laudas escritas, mas eu tenho por ele uma admiração muito grande, e acho que, quando vocês se preocuparem com a poética que pode ser extraída de um texto sobre marginalidade, terão fatalmente que passar por um livro chamado *Desabrigo*, de Antônio Fraga. É uma figura muito curiosa porque é um autodidata, foi expulso de casa logo cedo, filho de pais pobres, nascido no rio de Janeiro, no centro do Rio, viveu no Mangue, que é a área de prostituição, era a área de prostituição mais rampeira da cidade, e também mais

cosmopolita, que fazia conviver desde marinheiros do mundo inteiro, com mulheres que vinham da Polônia, judias polacas ou polacas judias, essa coisa toda e algumas francesas, aquela coisa, e então se formou, inclusive do ponto de vista da linguagem, um elemento muito forte que Fraga soube aproveitar com pouca gente. Como se ele foi um autor didata? Porém, como se diz na gíria: tinhoso, ele desenvolveu também um conhecimento muito grande sobre arte. Era um homem absolutamente a par do surrealismo, por exemplo, e usa até elementos surrealistas, dentro de *Desabrigo*. Um indivíduo que formou em plena ditadura de Getúlio, um grupo chamado / inaudível / reunindo artistas, músicos, inclusive matemáticos; ele próprio era um estudioso de matemática. Esse homem é, já que o tema é literatura e marginalidade, talvez a maior expressão, no meu pobre entender, de uma literatura feita com altíssimo nível de elaboração estética, conhecedora de todos os meios que se podia usar naquela época, naquela situação, em que fez uma obra aparentemente popular, mas é sofisticadística. Então, fica aqui a minha homenagem ao Fraga, cujo texto, eu não vou ler agora, porque é grande e tal, mas ele penetra muito, inclusive no problema da política que se poderá extrair de uma literatura vinda do marginal, ele penetra nisso profundamente, até pelos seus conhecimentos lingüísticos, ele era autodidaticamente um filólogo e um lexicógrafo, provavelmente tenha sido em língua portuguesa falada no Brasil, primeiro homem a usar a elisão “né” para “não é”, e também foi quem inaugurou entre nós, a expressão “Rio conflagrado” para o Rio que vocês hoje estão vendo aí, para a vergonha de todos nós, através da rádio, da televisão, dos jornais e desses meios de comunicação. Então, Fraga, fica aqui a minha homenagem ao Fraga, Antônio Fraga, ao *Desabrigo* e também uma espécie de grito de alerta sobre todo esse tipo de produção que foi feito sobre a marginalidade e que sequer é reconhecido nesse Brasil. A diferença do Fraga para os outros intérpretes do “lumpem proletariado”, como se chama nas universidades, ou da ralé ou do merdunchado como eu prefiro dizer é que, Fraga tem uma visão de dentro para fora e não de fora para dentro. Exceptuando-se Lazar Segal, o pintor que freqüentou o mangue com um comprometimento muito maior, inclusive de sangue, porque ele era de Víuna, ele era um luterano, o Lazar Segal, e estava irmanado diante daquela dor com aquelas prostitutas que vinham pelos navios e etc., aquilo fez com que ele demorasse mais sobre o Mangue, ele tem uma série de trabalhos sobre o Mangue, muito forte (...) o restante, inclusive alguns nomes admiráveis, e admiráveis por mim como Osvald de Andrade, que fez *Santeiro do Mangue*, como o próprio Vinícius de Moraes, que fez a *Balada do Mangue* e outros que escreveram sobre o Mangue, iam ao Mangue com olhos e com uma visão de turistas, eles não tinham um comprometimento. E os senhores não de convir, a literatura não é feita nem só de sentimentos, nem só de palavras; a literatura é feita principalmente de sangue,

carne, paixão, vida, a literatura é uma expressão da vida, ela é uma consequência, ela em si mesma não cria coisíssima alguma, no meu próprio entender, em se tratando de Literatura e Marginalidade.

Como a forma de se expressar do nosso homem tido e havido como marginal, ou malandro, etc. Ele é uma fala fincada numa gíria que é uma soma de valores, inclusive não nacionais. Nós usamos na nossa gíria, muitas expressões que não são sequer brasileiras, são lunfardia ou lunfardo, que é a fala da boca em Buenos Aires. Há expressões na nossa gíria como “mina”, como “grana” que não são como “mango”, que não são expressões nacionais, elas atravessaram as fronteiras e chegaram ao Brasil. Então, a mistura disso tudo pode dar um resultado muito poético, até porque há uma...se a linguagem é a expressão do pensamento, há um pensamento poético de certa forma nesse lupensinato ou nessa ralé, a forma de expressão é a mais ou menos poética, inclusive com algumas sofisticções de linguagem e de sintaxe.

Eu vou dar um exemplo claro aqui; é muito comum na malandragem do Meyer hoje, se dizer o seguinte – “Está ruim para malandro”, quer dizer, o pronome “até”, aliás o advérbio “até” está oculto – “Está ruim para malandro”, quer dizer: “Está ruim até para malandro”. Quer dizer, vocês vêem que há uma estranha sofisticção nisto tudo.

Quando vocês virem aparecer em fala de malandragem ou de marginalidade a presença de alguns termos jurídicos de jurisprudência, por exemplo, “picardia” é tirada da linguagem jurídica, é porque ninguém conhece mais jurisprudência da vadiagem ou dos costumes ligados a contravenção também, que já não é um crime a contravenção do que a malandragem. Ninguém conhece melhor do que o indivíduo que é obrigado no seu dia-a-dia a conviver com seus opressores ou com aqueles que cuidam da ordem pública, essa coisa toda. Então são obrigados a conhecerem tudo que eles podem fazer ou que não podem fazer.

Eu me lembro bem de um dia desses, um sujeito bicheiro, não bicheiro mas que trabalha para os donos do bicho que vai pedir um crédito bancário e, na hora de dizer a profissão ele diz assim: “eu sou comerciante”. “Mas você não é comerciante, você não é estabelecido com nada”. “Então ponha contraventor”, é a mesma coisa. Mas isso aparentemente foi uma gaiatice que ele fez, mas ele sabe que pode se declarar contraventor porque não existe lei que o encrimine, a contravenção não é um crime, ela é contravenção da nossa lei, é uma dessas coisas da lei brasileira que eles lá conhecem muito bem. Então é para dar um exemplo dessa coisa.

Bom, futuramente, vocês querem que eu fale um pouco do meu trabalho. A minha formação foi uma formação realmente rueira. Eu não tive uma formação de ... eu sempre tive certa alergia consciente ou inconscientemente pelos saberes da classe média. Eu não me dou

com classe média, quer dizer, hoje eu sou um pingente da classe média, sou carona. Evidentemente que eu me visto como classe média, moro como classe média, vivo de certa forma uma vida econômica de classe média, mas eu não consigo sentir não é, simpatia que esta talvez nunca vá sentir, mas não consigo sequer sentir um pouco de respeito pelos valores da classe média. É um problema meu, eu fui criado assim, com gente assim, não dá para pensar de outra maneira.

Bom, eu quando fui para a literatura ... o problema com a literatura é complicado porque realmente essa vocação de músico, eu tenho um ouvido musical, e uma tendência musical muito grande. Eu realmente me deleito muito mais com música do que com outras artes. Eu fui criado em roda de choro, posteriormente de samba, êh, convivi com músicos que ficavam discutindo na minha frente aos meus oito, dez anos, problemas de harmonia, inclusive meu pai era músico, era um músico amador, mas que lia na partitura, e com músicos muito bons que se misturavam a valores populares. É o caso, por exemplo de Acendido Teodoro Nogueira, era o caso do garoto, o Anibal Sardinha, que depois mais tarde, muito mais tarde, o Vinícius de Moraes e o Chico Buarque fizeram “Gente de Subúrbio” dele, fizeram a música, a letra pra música dele. A presença de, por exemplo, Noel Rosa na minha vida é muito forte. Ela chega por volta de 52, 54 através do rádio, aquilo era muito forte. A marcação com que essa gente vincava o meu mundo, vamos dizer, de criação artística era muito grande; eu sempre tive assim diante da figura do Noel, uma identidade enorme, embora houvesse uma diferença, é claro, de Noel morre em 37, eu nasço em 37. Quer dizer, mas havia uma transubstanciação do sentido humano, da força de expressão, da beleza, principalmente de um sentido trágico e irônico da vida que se uniam a mim por questão de identidade não minha exatamente só do meu temperamento, mas do tipo de vida que eu via. Eu vi as coisas acontecendo, tão brutais na minha cara, quando eu era criança, eu descí de um morro, o morro da Geada. Nós éramos favelados, os meus pais já haviam ido para, corrido, tangidos pela fome para São Paulo, porque não conseguiam viver em seus locais de origem, no caso a família materna – Rio de Janeiro, a família paterna Trasmontes. Aquela gente correu da Crise de 29 para não morrer de fome, bateu em São Paulo. Então, é uma coisa; aqueles ambientes que eu vi quando criança; eu cheguei a ver cenas de alcoolismo, por exemplo, de brutalidades e espancamento, como eu depois só viria no Gorke. Então as manifestações de arte para mim, principalmente o cinema, eram bobagens. O rádio era outra besteira, êh, eu olhava tudo aquilo com sorriso de ironia no canto da boca, porque aquilo não era vida, não era nada, aquilo era uma engabelação, aquilo não tinha nada a ver com nada, aquilo era uma conversa pra boi dormir. Somente a literatura mereceu de mim um respeito como arte, através

de alguns autores que eu tive a grande sorte de conhecer logo cedo, como foi o caso do Graciliano Ramos, como foi o caso de alguns norte-americanos, como Hemingway, que durante algum tempo foi muito moda no mundo inteiro, pelo menos no mundo ocidental; “O velho e o mar” e aquelas histórias dele, o Steinberg, que eram pessoas que falavam de realidade que mereciam algum crédito, porque a outra arte que me era mostrada do cinema, do rádio e tal, aquilo não merecia crédito nenhum, aquilo era baboseira, aquilo era tapeação, diante das coisas que eu estava vendo que eram terríveis e que por mais que eu as faça líricas, por mais que eu poetize é porque apesar de serem brutais e violentas, elas têm um veio lírico e poético muito fortes, mas muito forte mesmo, êh, principalmente porque o povo brasileiro tem uma capacidade de extrair de sua pobreza e que no caso, atualmente, já não é mais nem pobreza, é miséria, penúria. Ele tem uma capacidade muito grande também, apesar de tudo.

Eu não estou fazendo um louvaminho ao povo brasileiro não. Embora goste muito do povo brasileiro, como todo o povo abandonado, um povo jogado à própria sorte, é um povo cheio de defeitos, mas as qualidades superam os defeitos, principalmente a alegria de viver, a garra de viver é qualquer coisa impressionante, qualquer coisa que eu vi em poucos lugares do mundo. Eu não vi a garra e a alegria de viver que eu vejo aqui no Brasil em toda a Europa, nem mesmo na Península Ibérica, em alguns lugares, devido à natureza dos povos, Hungria, por exemplo há qualquer coisa parecida, Itália há qualquer coisa parecida, mas muito a quem da a nossa força, da nossa alegria de viver. Então é possível extrair daí, alguns aspectos até épicos dentro dessas coisas que eu escrevo, além de líricos, além de poéticos, quase que épicos, porque aquele povo tem uma expressão quase que épica.

Outra coisa, cria muito em cima da palavra, cria bastante em cima da palavra e propicia, então, o aparecimento de verbos novos, de coisas que são de uma graça, são de objetividade, às vezes são de uma lisura ou de um carinho muito fortes, êh, de tal maneira essa criação é evidente que eu costumo ir à feira, feira, feira livre, mas evidentemente que eu não vou à feira para comprar banana, nem laranja e nem goiaba. Eu vou à feira, primeiro movido pelo jogo de cores, eu gosto muito de cor, e também pelo falar das pessoas, é realmente um espetáculo extraordinário, a sonoridade das falas, a criatividade que eu ouço nas feiras livres. É de uma criatividade impressionante, quer dizer, a maneira como esses seres, esses vendedores expressam a sua triste realidade que eles conseguem tingir, dar um colorido de repente por exemplo: “Compro logo essa banana. Ela está mais barata do que menina no Norte”, coisas assim que são arrepiantes. Se a gente vai botar isso no papel vai dizer que é criatividade, se, eu sempre digo, se o Dom Luiz Buñuel, o cineasta espanhol, mais o Goya, o pintor espanhol viessem ao Rio de Janeiro, por exemplo, dizia: “Olha, eu não sei nada, a minha força de

expressão acaba aqui, o Dom Luiz Buñuel se viesse ao Brasil, ele acabava acreditando em Deus, porque isso aqui é tão realmente surrealista, essa coisa toda é tão suprarreal, esse povo tem uma capacidade de sobreviver nessa coisa a que é jogado, a que é tirado, abandonando, massacrado, entendo? E por todos os governos, isso é muito velho, por todos os sistemas, não é esse ou aquele que foi pior não, claro que a ditadura veio, piora tudo mesmo. Mas, também nos tempos tidos como democráticos, esse povo sempre teve deixado pra lá, e ele conseguiu sobreviver, ele conseguiu apesar de tudo isso, ou até por causa de, ele conseguiu, por exemplo, construir uma música popular que é uma das mais ricas do mundo. Provavelmente como música popular a mais rica do mundo. A nossa literatura capenga ou não, a verdade ela conseguiu ter ao mesmo tempo cinco ou seis grandes poetas de nível internacional na mesma época, vivendo sobre o mesmo território brasileiro. Ela teve por exemplo ao mesmo tempo Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, Dante Milano, Cecília Meireles, eu já falei seis. São raríssimos os países tidos e havidos como desenvolvidos, primeiro mundistas, civilizados e tal, que tenham três bons grandes poetas numa época só. Agora, já demos seis. Eu não falei todos, eu ainda não falei Jorge de Lima, eu não falei João Cabral. Então veja bem: agora nós não tivemos foi a capacidade de criarmos um público leitor e ledor desses valores, desses produtos culturais.

Eu não gosto muito dessa expressão “produto cultural”, mas é a que uso aqui. Então nós não temos nada que andar de cabeça baixa, diante dos saberes artísticos aí do mundo, não. Tá entendendo? Porque nós temos um potencial criador muito grande. O que nós não conseguimos ainda, enquanto principalmente estado, enquanto governo, foi transformar essa produção toda, em algo que seja realmente democrático, que seja realmente democrático, que seja realmente impossível a todos os cidadãos, porque também, segundo Antonio Candido, que é um dos maiores críticos desse país, é a quem eu tenho como maior crítico literário desse país, uma literatura só existe se ela consegue, além de Ter produtores culturais, além de Ter seus autores, em fazer um público. É necessário isso, é fundamental; não existe literatura nenhuma que tenha produtores culturais e não tenha público. Nós vivemos aqui, num país colonizado, recolonizado de maneira, a mais calhorda possível, não é? Nas mãos aí dessa porcaria chamada max mídia, que aliás esse país é curioso. Essa expressão mídia não se escreve assim, também não se pronuncia muito assim, e não quer dizer nada disso. Quer dizer, é uma coisa tenebrosa isso. O abandono que nós somos levados. Nós não somos culpados disso, muito menos o povo ignorante, ignorante, ignaro que não teve condições de chegar à nada. Seu país ainda não resolveu, nem o problema do curso primário; essa é a realidade, tivemos o Anísio Teixeira, tivemos o Darcy, etc., mas o fato é que nós enquanto...

Lado B:

primários, não tá nem o problema do curso primário resolvido aqui.

Eu estou sabendo hoje pela televisão essas coisas me incomodam muito, essas coisas me ferem muito êh, eu não tenho o menor desprezo por classe trabalhadora nenhuma e eu não poderia Ter, claro, pela classe universitária, pelos professores, pelos docentes universitários, ou até pelos teóricos em literatura. Eu sempre tenho dito o seguinte: essa gente nunca me fez mal, essa gente nunca me mordeu, e nem me tirou pedaços, porque houve uma época em que se dizia que eu era contra os intelectuais, eu achava que tudo era elitismo. Eu tenho uma resposta para estas pessoas: eu não sou elitista não, eu sou super elitista. Eu só gosto do que é melhor em tudo, desde música, desde pintura até o arroz com feijão. Agora, tem que ser o melhor, não pode ser mal feita, já que uma coisa merece ser feita, há de ser bem feita. Entende, por mais que se trabalha com gíria, com fala popular, com lupenzinato, tem que haver arte aí, tem que haver um jogo de cintura, tem que haver uma armação, tem que haver texto,, elaboração, o texto brasileiro tem a obrigação de ser um belíssimo texto. Sabe porquê? Porque os fundadores de nossa literatura lá em 16...com o Gregório de Matos Guerra e depois o Machado com o prosador, passando pelas *Cartas Chilenas* lá em Minas, essa gente escrevia elegantemente bem, essa gente escrevia supimpamente bem, e alguns ultrapassaram a qualidade do português escrito em Portugal. Eu já dei dois exemplos: Gregório de Matos e Machado de Assis. Quem dera Portugal se tivesse um prosador do naipe do Machado. Então quem vai escrever nesse país, tem que...não pode fugir ao seu passado, nós temos um passado de altíssima qualidade e não podemos fazer produtos mal feitos agora. Essa exigência é útil, até mesmo para a clareza de expressão, para que você faça alguma coisa bem feita, ela antes de tudo tem que ser bem clara, ela tem que ficar evidente ou pelo menos, conduzir ao pensamento, à reflexão. O Fraga na sua novela *Desabrido*, ele não usa pontuação nenhuma. Apenas ele joga de vez em quando uma maiúscula para indicar que é abertura de parágrafo, aquele elemento já se chamou de Joyciano até numas das voltas do Kafka, do Fraga em 1978, houve uma revista idiota em São Paulo chamada *Isto é* que fez no mínimo uma matéria imbecil sobre o Fraga com o título de “Joyce do Mangue”, não tem nada a ver, Antônio Fraga, Antônio Fernandes Fraga com James Joyce, são autores completamente diferentes, com objetivos diferentes, vivendo realidades diferentes, e não é aquela inclinação no seu Joyce pelo submundo da Irlanda ou [inaudível] que seja o fundamental. O Fraga usa ausência de pontuação, não é como o Joyce, é bem diferente.

Ele usa ausência de pontuação para que o leitor preste atenção naquilo que ele escreve, para que seja impossível ao leitor fazer a execrável leitura dinâmica. A coisa mais abjeta, a coisa mais lamentável, que ofende mais um escritor de verdade, é que se faça leitura dinâmica de um texto dele, isso é horroroso, tá entendendo? Porque ele não produziu para isso, ele não tá escrevendo bula de remédio, nem texto de propaganda. Eu não tenho nenhum desprezo pelos autores de bulas de remédios, que são trabalhadores iguais aos outros e pelo pessoal da publicidade, que tem gente muito inteligente, fazendo publicidade; mas o texto literário tem outra função, ele pretende, ele intenciona levar à reflexão, inclusive à reflexão estética, ao prazer estético. É por isso, às vezes, na minha frase, no meio da frase, eu procuro de propósito fazer o leitor parar para pensar. Eu de certa forma, quando uso gíria, eu jogo logo em seguida uma sinonímia, para que o leitor possa sentir. Eu estou muito preocupado em fazer uma arte que de alguma forma, ela reflita a nobreza de um produto brasileiro. E um produto brasileiro, antes de tudo, ele tem que ter o sabor, sem muita picardia, sem muita graça, a partir da forma de andar, até a forma de amar. É tudo feito com muita graça, é tudo feito com muita personalidade. É por isso que vocês vêem que aqueles autores que realmente representaram esse feixe cultural brasileiro são autores desde a poesia até a arquitetura, ou a música popular, desde o Aleijadinho que é o maior artista das Américas, até o Pixinguinha, o Tom Jobim, o Niemeyer, vocês notam um traço comum é a profunda elegância. Há uma elegância natural nisso, tá entendendo? Sem isso não é um produto brasileiro, não tem a graça, não tem o sabor, não tem o segredo da coisa brasileira. Nós não nos damos idéia disso porque nós vivemos num dia-a-dia que é assim. Então, nós já nos habituamos, nós temos um poder de humor que é fora do comum, que engole alguns povos. Um povo como o alemão, por exemplo, perdeu o humor faz muitos anos. Não tem a capacidade nem pra piada do dia, nem pra piada da semana, nem pra piada do mês, nem pra piada do ano. Quer dizer, não tem humor, não sabe sorrir. Cuidado com quem não sabe sorrir; vocês vêem esses economistas que estão todos aí, com esse planos furados. Já viram algum deles sorrir? Não sorriem. Essa gente não sabe o que é sorriso. Ora, se não sabe sorrir, a coisa é muito séria, porque o homem é o único bicho que ri. Também é o único talvez que saiba que vai morrer. Então ele tem os dois sentimentos, ele tem o sentimento de humor e tem o sentimento trágico da vida. Quer dizer, essa coisa toda tem que tar presente num produto cultural brasileiro. O Jorge de Lima pegou isso, o Mário de Andrade pegou isso. Por outro lado, pegando pelo lado arenoso, pelo lado árido, Graciliano pegou isso.

Quer dizer, sem essa coisa, não se pode ver uma marginalidade que por mais brutalizada que seja, ela continua a manter lá um “q” de solidário. Eu já vi gente, isso é uma questão de

vivência também. Eu acho que há coisas que não se aprende na escola. O meu tipo de fazer literário não se poderia ser aprendido nem na igreja e muito menos, na escola. Então, eu tive que aprender a fazer isso fazendo as minhas misturas autôdidatas, conversando muito e vendo muito. Também, eu não fui ver essa vida, ou não vejo essa vida para escrever sobre ela, de jeito nenhum. Ou nunca me coloquei como um intelectual, olhando o espetáculo humano. Em geral, sou envolvido por ele, e nasce quando eu noto. Eu, por exemplo, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que foi aqui citado, clássico e tal, que eu escrevi, já estava pronto em 1960, eu era um garoto, um menino. Bom, eu quando vi aquele tipo de vida, quando eu senti, eu vivi aquilo, vi aqui tem qualquer coisa de tanta grandeza quanto, qualquer grande tema. Aqui tem um veio; tem um sabor, tem uma coisa, essa gente falando, essa gente olhando até os seustos, até o que eles dizem, e o que eles não dizem; isso tudo é um espetáculo da vida assim, desse jeito. Pra mim, aliás, o Fraga disse uma vez “tudo na vida tem um contingente, tem uma ilação, tem um desdobramento possivelmente literário. Quem diz literário, diz musical, diz artístico, enfim, êh, essa coisa toda”. Eu quero principalmente ao passar essa visão dessa marginalidade, por mais realista que seja entre aspas, né, eu quero passar um pouco desse sabor que essa gente tem muito. Não é modéstia minha, nem oportunismo, dizer o seguinte, que se por exemplo, *Dedo-Duro* ou *Guardador*, ou *Malagueta, Perus e Bacanaço*, ou *Zicartola*, se esses são livros brilhantes e traduzidos, filmados e estudados, etc., que já me propiciaram inclusive ir ao exterior várias vezes, não sou eu que sou brilhante, brilhantes são os meus personagens. Mas como eles são brilhantes! Acontece que a maioria não vê. Azar da maioria. Eu vejo essa gente com uma sabedoria tremenda, com um senso poético fora do comum. Vocês peguem, por exemplo, dois compositores populares, ou três vamos dizer assim, daqui a pouco eu já disse meia dúzia, porque no Brasil essa gente produz muito, admiráveis: Adoniran Barbosa, Nelson Cavaquinho, que é um caso extraordinário de talento, é um gênio e Cartola. Quer dizer, essa gente carrega uma sabedoria de vida e também um aspecto estético da produção deles que é absolutamente inexplicável. Não se explica que um crioulo, lavador de carro, ajudante de pedreiro, semi-analfabeto, com o Cartola, Agenor de Oliveira, ao qual eu dedico esse livro, como eu dediquei *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a um jogador de sinuca, o Carne-Frita, Valfrido, meu amigo, muito meu amigo, o Cartola, não se explica que os versos de Cartola tenham tal elegância, tal economia e principalmente sabedoria de vida, é impressionante.

Somente um sofrimento muito forte, né, e ao mesmo tempo uma capacidade de resistência inclusive física pra não morrer, inclusive de fome, é que pode produzir uma força dessa. Eu acho que todo esse lado marginalizado, por que quem foi Cartola? Até bem pouco

tempo, era um marginal, o Nelson Cavaquinho, um marginal a vida inteira, a vida toda; essa gente nunca teve emprego e nem queria, não é?

Uma vez, o Nelson Cavaquinho, arrumou-se um emprego lá pró Nelson num jornal pra ele ser contínuo, ele foi um dia, depois não foi mais. Aí foi-se procurar o Nelson, “mas Nelson, você não quer o emprego? Você não vai voltar?” Ele disse: “Olha, é tudo muito bom, doutor, vocês me tratam muito bem, mas tem que ir todo dia lá”.

Olha, aparentemente, é um vagabundo, aparentemente é um preguiçoso, mas ele tem uma outra visão de mundo, ele foi criado de outra maneira, de certa forma ele foi excluído e se excluiu do sistema muito cedo. Quer dizer, a coisa dele era música, era violão, era samba, esse era o tipo de expressão dele e talvez, até de trabalho. Então, essas coisas que eu vejo, principalmente do lado da música popular, onde eu vi coisas realmente de arrepiar, de dar dó. E o que é pior: não só via, como também ouvia notícias, por exemplo, Noel é um homem que morre aos 25 anos e 6 meses de idade, tuberculoso. Não há dúvida nenhuma que não há expressão maior na poética do samba do que Noel Rosa, até hoje. Chico Buarque, com todo o respeito é um filho-neto do Noel, mal comparando, é claro, são duas formações culturais completamente diferentes. Mas, esse artista morre tuberculoso, quer dizer, esse país não podia deixar um homem desses morrer de forma nenhuma, como Glauber no cinema, aquilo foi, não quero usar uma expressão, uma linguagem aqui, dessa esquerdinha imbecil, é outra também primária e intelectualóide, mas a verdade é que houve um assassinato cultural no caso desse. Quer dizer, o estado não podia deixar um homem desse abandonado ou sujeito até a seus próprios vícios. Quer dizer, o estado tem uma responsabilidade com esses criadores ou deveria ter, em países mais ou menos organizados.

Bom, eu já falei demais e agora gostaria de abrir um pouco o espaço para que vocês perguntassem coisas, talvez até mais objetivas, porque como eu falei desde o princípio, a minha tendência é ter um papo mais ou menos através de elipses mentais, não é? Eu posso pensar em linha reta, mas não verbalizo em linha reta. É uma característica minha. Então, vocês podem me perguntar o que quiserem, e eu espero saber responder...

...alguém pergunta

João Antônio: É o problema daquela atitude dos sentimentos do personagem ou das circunstâncias que ele está vivendo. Eu acho, por exemplo, o meu Paulinho Perna-Torta, que tá lá em *Dedo-Duro*, ele tem os momentos, os momentos mais álbutos, são os momentos épicos, e os momentos mais do dia-a-dia dele, são momentos poéticos, por exemplo, o passeio de bicicleta dele é um momento poético; agora a conclusão, o final dele, realmente que já está

com medo até de sair de casa, ele sabe que o dia em que ele morrer, os jornais vão dizer que o crime perdeu um rei. Aí é um momento épico.

... alguém pergunta

João Antônio: Sem dúvida, eu diria o seguinte, vamos dizer, dentro de um supermercado, o poético seria aquela mulher que iria comprar 300 grs de carne, aí o açougueiro diz: “leva 400 grs”. Ela diz assim: Pra que que jacaré precisa de cadeira se ele não tem bunda para sentar?” Isso é o poético: Agora, aquele que rouba pra comer, eu acho, um ato poético e épico. Ele rouba pra comer. Ele enfrenta o mundo, ele determinou inclusive, o momento de seu castigo pelo sistema, enfrentou, eu acho, um ato épico e poético. Eu acho um homem roubando pra comer, qualquer coisa grandiosa. Qualquer coisa na altura da epopéia, tá entendendo? É um ser que se recusa a morrer de fome. Quer dizer! Eu sou um homem e não posso morrer de fome. Agora, isso em países mais ou menos organizados é chamado “crime de boca”, essas pessoas não são castigadas porque elas estão com fome e têm que comer alguma coisa. Depois, vai-se ver porque não têm dinheiro para comer, mas elas precisam comer imediatamente, elas precisam comer porque senão elas morrem. Quer dizer, é nesse estágio que eu vejo a coisa.

...alguém pergunta

João Antônio: Eu tenho pra mim o seguinte, obrigada e tal. Esses autores, se eles tiverem uma cultura literária e examinarem a riqueza e a oportunidade para uma boa literatura brasileira neste país, as coisas que ainda podem ser tentadas e ainda podem ser feitas e até inauguradas saindo das expressões populares e dos meios de expressão popular, esse sujeito que achar que sabe alguma coisa, ou quer acreditar na glória que ele tem, é um puro e simplesmente idiota, é um otário, como diriam os meus personagens, absolutamente desavidados, porque se por um lado, nós tivermos produtores culturais interessantes, a realidade não me deixa mentir. A realidade brasileira é muito superior ao que a arte brasileira já fez; nós ainda não temos uma literatura à altura da multiplicidade de realidades brasileiras e da grandiosidade dessas realidades. Por exemplo: nós não temos uma boa literatura sobre futebol, nós não temos uma boa literatura sobre favela, nós não temos uma boa literatura sobre samba, nós não temos uma boa literatura sobre êxodo rural, nós não temos obras tópicas muito boas, por exemplo as coisas de Graciliano Ramos, por exemplo as coisas do Lima Barreto, e outros exemplos bons.

Mas, a realidade brasileira é muito dinâmica e muito variada, muito variada. Nós temos estados no Brasil, como São Paulo é o caso, ou Minas ou o próprio Rio que são estados, que tem três ou quatro realidades regionais completamente diferentes, desde o clima, até a forma de pensar, até de sotaque e inflexão ou de acento, como se queira dizer. Quer dizer, então, o sujeito que foi o escritor no Brasil e que ficar com essa impáfia toda e com esse divórcio de qualquer tipo de diálogo, quer dizer, ele chegou a uma glória e depois “eu sou absoluto, eu tenho que falar e vocês tem que ouvir porque eu tenho experiência ou sabedoria”. Esse sujeito não sabe é nada; é um belo de um imbecil que está tentando enganar a si mesmo, mas ele não engana nem a si mesmo, nem aos outros, porque toda obra está sujeita à discussão, à crítica, e à troca de pensamentos; toda tese também é legítima de defesa, não é essa coisa toda. Mas, eu acho que no Brasil é flagrante que a arte brasileira tenha uma grande dívida com a riqueza, com a multiplicidade, com a complexidade e com o imediatismo da vida brasileira perante a arte. Então, o sujeito que não tiver essa consciência, ele é um idiota no mundo, ou o que é pior, ele tá acreditando que ele já chegou à alguma meta. Ele não chegou à meta nenhuma, ele aqui nesse país, é possível se dizer que em matéria de artista, principalmente nesse tipo de arte, a literatura, o autor sempre está em construção, é sempre possível construir alguma coisa, não só como obra, como conteúdo, mas até como elemento estético, porque as coisas aqui são muito mutáveis, e justamente isso, é permanentemente um seleiro para novas experiências e para novas obras. Eu vejo tudo isso, eu sinto a coisa assim.

Agora, realmente, o que o artista tem que fazer, e que é muito difícil, é ele conseguir ser universal no particular, porque senão ele acabará fazendo uma obra de registro, de realidades que sem nenhum desdouro desse trabalho jornalístico, que não vai passar de uma reportagem. E a reportagem morre logo. Ela não tem elementos, ela é, em geral, circunstanciada a algum fato. Então, ele tem que trabalhar sobre o particular aquilo que o particular tem de universal e que possa ser, sei lá, um tema sobre Camanducará, ou Dores de Indaiá; mas que esse tema seja trabalhado de tal maneira, com tal, cujo o epicentro seja o homem, seja o sentimento do homem, as condições do homem, as coisas básicas do homem, e que possa ser entendido em qualquer parte do mundo, em Macau, em Amsterdan, ou até sei lá, nas Ilhas Gregas. Se não houver essa densidade, então não adianta também fazer registro de realidade, porque aí não passa de uma fotografia, sem desdouro nenhum para com os fotógrafos. Mas a verdade é essa; o artista tem que trabalhar num sentido de elaboração. Veja bem, a maior pretensão possível, ele que tem uma vida provisória sobre a terra, ele que vai morrer, pretende fazer alguma coisa que seja eterna. É uma contradição completa. É de uma pretensão brutal, mas assim tem sido e o que caracteriza é isso, a coisa, essa coisa literária é isso, que é um permanente aprendizado,

é um permanente aprendizado. Quando se chega a algumas conclusões, já que se tentaram muitos caminhos para se chegar àquelas conclusões e mais um paradoxo: algumas obras que a gente vê, que aparentemente a gente não tá vendo o andaime da obra, ele está completa, ela está perfeita, aquilo teve uma estrutura completadíssima, justamente o difícil é ser simples (risos), ser singelo é que é muito difícil. Agora, singelo e simples não quer dizer simplista e nem boboca, tem que ter algum conteúdo dentro, tem que ter alguma coisa que faça aquilo ficar de pé...

... alguém intervém

João Antônio: Eu acho que há 2 mitos aí erguidos, até o ponto de vista da linguagem. Primeiro o conceito que se tem de malandro, né? Que é algo que tinha que ser melhor pensado e explicado, realmente, o que existe é um sobrevivente, é um indivíduo que é obrigado pelas próprias condições que lhe foram oferecidas, à criar expediente para sobreviver de uma maneira, a menos intranqüila possível e a mais simpática possível. Em segundo lugar, “o tal jeitinho brasileiro”. Quando se diz que o jeitinho brasileiro está dando jeito em tudo, a minha obra é uma contestação disso. Quer dizer, os jeitinhos não resolvem coisa nenhuma, tá entendendo? Eles são apenas uma maneira de se tapear e de empurrar para um futuro, um futuro desconhecido, imprevisível, uma situação que precisa de uma solução. Quer dizer, o jeitinho brasileiro é uma dessas grandes mentiras que nos são passadas, não é? Porque nós estamos aturando isso com jeitinho faz muito tempo, só que não funciona. Eu acho que essa visão do jeitinho foi mais uma das artimanhas do próprio sistema para que nós nos ajudemos a nos tapear, e não exijamos realmente soluções mais concretas e efetivas. Eu acho que vai muito nisso de uma certa folclorização, entre aspas, das habilidades que presumivelmente o povo precisa ter, esse tal de jeitinho, dá-se um jeitinho, é sempre possível dar um jeitinho, sim, mas é a tal coisa, são remendos, são paliativos, não são soluções. Quer dizer que foi uma forma, também em que me parece, foi usada até pelo sistema opressor, para que a gente continue dando um jeitinho, dá-se um jeitinho, vocês dão um jeitinho, você resolve com seus amigos, você dá um jeito. E com isso tudo, o sistema tá fazendo como aquele sujeito no qual não se deve acreditar nunca; é como se dissesse assim: “Deixa comigo”, ou então “Esse cachorro não morde”. Quer dizer, o cachorro morde e deixar com ele é a mesma coisa que deixar com ninguém, porque ele não vai tomar providência nenhuma. Quer dizer, então nós ficamos nessa coisa. Eu acho que houve inclusive, alguma interpretação sobre malandragem, principalmente feita por alguns antropólogos com todo o respeito e tal que foi, sobre malandragem e sobre esse ajeitamento brasileiro que foi algo feito de fora para dentro, algo

feito do gabinete para a rua e não da rua para a rua; me parece muito isso, tá entendendo? Porque essas pessoas, é por exemplo, Macunaíma, não é o caso do Mário de Andrade, mas apenas vou dar, como exemplo, o comportamento macunaímico, a vida do Macunaíma, aquela coisa de ele sem nenhum caráter e tal, muito bem, muito colorido, muito atrapalhado, muito, uma rapsódia, essa coisa toda. Só que não dá certo no final, essa reflexão que devia, se fazer, Macunaíma acaba só, terrivelmente abandonado, sem os dentes, sem companheiro, sem coisa nenhuma. Quer dizer, nós de certa maneira, é de alguma forma, um jogo do sistema para que nós fiquemos presos às aparências episódicas da coisa e não façamos uma reflexão sobre o que acontece no final, me parece muito por aí. Eu acho que são duas coisas que tem que ser repensadas no Brasil, é esse conceito de malandragem e o conceito do jeitinho, porque isso no fundo são grandes mitos. O que acontece com os meus chamados malandros, é que eles são uns pobres-diabos tentando ganhar agora o seu jantar de daqui a pouco, é isso. Quer dizer, eu não vejo qual é que é a malandragem nisso, é simplesmente uma sobrevivência ou se quiserem, uma subsistência, é assim que a coisa acontece.

... alguém intervém

João Antônio: Acho que quando chegou a droga, complicou tudo. A droga, ela chegou, e antes dela chegou um elemento complicado terrível, que foram as superpopulações das grandes cidades; cidades extremamente inchadas, sem a menor preparação pra isso, é o caso de Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte, de Salvador, enfim, das cidades tidas como grandes capitais nesse país. Quer dizer, a superpopulação trouxe em sua barriga, no seu bojo, complicações enormes. E em segundo lugar, as drogas fez aparecer, porque ela veio trazendo muito mais dinheiro....

Fita n.º 2 – lado A

João Antônio: ... um mundo realmente de ganguesterismo da maior violência possível. Agora isso é um outro departamento. Aquela malandragem na qual me refiro, ele continua tão viva como sempre foi. Ela existe da mesma maneira, da mesma forma, entende? Porém é preciso ver o seguinte: também ela é folclorizada, também ela continua sendo uma ah... um carimbo, também ela, como sempre foi, como sempre foi um carimbo, sempre foi. Entende? E continua, mas ela continua como sempre foi. Ela também é uma, é uma, ah... é uma expressão exorbitada, você percebe? Agora, o mundo realmente que nós estamos vendo de violência nesse país é qualquer coisa nova no país, não existia nesses termos.

... alguém intervém

João Antônio: ... mais brutal e também gangsteres organizados porque vocês o que tá havendo visivelmente no governo Collor para cá, são grandes quadrilhas, né? Que cujos dinheiros nem andam pelo país, estão aí pelos países, onde é permitido a conta secreta e etc., etc. Quer dizer: é um nível de roubalheira que não tem nada que ver com o nosso sentido de malandragem, mas nada a ver, isso é gangsterismo mesmo, um negócio brutal, né? Nesse momento, por exemplo, parece parece que ainda existe na casa de detenção, onde houve, em São Paulo, o Carandiru, onde houve aquele massacre terrível, parece que tem lá, novamente, uma rebelião terrível, né? Superpopulação, principalmente não é? Superpopulação, e com todos os problemas que isso acarreta. Então, são dois mundos completamente diferentes.

Agora, isso aconteceu tão rapidamente no Brasil que é como se você pegasse um carro na marcha primeira, né? Passasse diretamente para a terceira, passasse em cima da Segunda e passasse logo para a terceira. Quer dizer, houve uma diferença brutal entre essas duas camadas, vamos dizer assim, de marginalidade.

... fala de alguém

João Antônio: Eu sei lá, viu? Eu acho que foi...

... alguém o interrompe

João Antônio: Êh, ocorre o seguinte. Eu acho que vou dar uma explicação que daqui a quinze minutos, eu daria outra, e daqui a trinta, outra ainda...

... novamente uma intervenção

João Antônio: Eu acho que é responsável, vamos dizer assim, pela minha entrada no gosto literário, é responsável o *Café-Jardim*, *Café-Jardim*, aquele pó de Café-Jardim, porque o pó de café de Jardim tinha as figurinhas do Café-Jardim, do pó de Café-Jardim, no tempo em que eu fui garoto; isso deve ser quarenta e cinco, quarenta e seis, logo depois do término da guerra. Então, os pacotes de café, de ½ quilo de café, traziam umas figurinhas e depois a gente enchia com aquelas figurinhas, um álbum. E o álbum me lembro, era feito pelo Monteiro Lobato, chamava-se “O homem das cavernas”. Veja que país maravilhoso, em que nós já tivemos, né? O sujeito já colecionava as figurinhas do pó de café Jardim e o álbum era feito pelo Monteiro Lobato chamava-se “O homem das cavernas”. “O homem das cavernas”, nada mais era do que uma iniciação, claro que muito leve, muito superficial sobre a pré

história, o homem das cavernas era o troglodita, vinham os dinossauros, vinham os mamutes, vinham os problemas daquela época, os roedores daquela época, e eu lia aquela coisa e achava extremamente encantadora aquilo, extremamente encantadora aquela coisa. Aí eu lia também, claro que muito leve, muito superficial sobre a pré-história, o homem das cavernas era o troglodita, e junto com o troglodita vinham os dinossauros, vinham os mamutes, vinham os problemas daquela época, os roedores daquela época, e eu lia aquela coisa e achava extremamente encantadora aquilo, extremamente encantadora aquela coisa. Aí eu lia também, muita revista em quadrinhos e tinha um herói ou um personagem de revista em quadrinhos chamado “Brucutu”; esse brucutu era justamente um animal porque aquilo era um animal, o homem das cavernas que tinha um machado do tempo da pedra lascada e com aquele machado, ele enfrentava os monstros e tal, ah... mas o brucutu era tão feio que diziam lá, o monstro, né? Mas, dizia o seguinte, eu pensava o seguinte: esse bicho é tão feio que ele não é monstro, é “mononstro”, entendeu? Aí, eu já era escritor. Foi o convívio com essas coisas assim, meio encantatórias, que tinha a expressão da palavra, as palavras sempre me atraíram muito, não é? As palavras em si, não era a história, a história nunca me atraiu muito, não só, mas era expressão, a palavra. E aquilo me atraía muito, a palavra me fazia pensar inclusive, né? Eu acho que foi mais ou menos aí, e depois também porque eu tinha muita tendência pra ficar lendo coisas que não devia ler. Tanto é que, quando eu estava em casa e meu pai me via lendo, ele dizia: “Você lê em voz alta, você leia em voz alta, porque você deve estar lendo alguma sacanagem o tempo todo”. Aliás ele estava certo, né?

Quer dizer, então eu lia em voz alta, sem ele saber, porque meu pai não era um escritor, nem nada. O meu pai acabou me dando uma aula de literatura, porque quando eu fui ler, por exemplo, eu lia o Graciliano, principalmente, porque em 53, 54, logo depois da morte do Graciliano, ele morre em 53, o Graciliano foi um nome nacional, que era uma coisa extraordinária, era uma preocupação nacional aquele homem, né? Então era meio que moda a gente ler os livros do Graciliano. E eu lia aquilo em voz alta; ao ler aqueles livros, ao ler o Graciliano em voz alta, eu comecei a aprender a escrever sem saber que estava aprendendo, entendeu? Porque comecei a perceber que aquilo tinha um ritmo, aquilo tinha uma música interna extraordinária, principalmente os três últimos capítulos de *Caetés* e de *São_Bernardo*. Vocês vêem que chega a ser até um trabalho poético, o do Graciliano, naqueles três capítulos finais.

Quer dizer, claro que um poeta nas dimensões do Graciliano, um poeta sem metáforas, porque ele é extremamente econômico, a ponto de ser quase seco, e procurava extremamente, angustiadamente, ele procurava o verbo certo, a palavra certa, né? O Graciliano tem aquela

coisa dele que é de grande construtor. Mas, ele me ensinou a escrever; eu devo muito a meu pai, justamente porque o meu pai nunca acreditou na minha idoneidade moral, no que ele fez muito bem, porque ele acabou me... fazendo com que eu lendo em voz alta, eu começasse a prestar atenção naquilo, no funcionamento daquilo, como é que aquilo funcionava. Quer dizer: aquilo tinha uma música interna, tinha um ritmo, tinha uma forma, foi construída de uma forma bastante firme, né? E assim, pelo Graciliano, me surgiu através do Graciliano, uma coisa que, isso é muito típico de quem joga sinuca, essa preocupação.

Muito bem: o Graciliano Ramos escrevia bem, muito bem. Mas com quem ele tinha aprendido aquilo? Ele aprendeu com alguém. Ninguém nasce sabendo nada. Isso já é uma psicologia do jogador de sinuca. Ah... com quem ele tinha aprendido?

Aí eu comecei a ler nas revistas, principalmente no *Cruzeiro*, coisas sobre o Graciliano, que aparecia muito lá, especialmente numa página que tinha lá, chamada “Arquivos implacáveis de João Condé”. Eu comecei a ver que ele tinha uma firme formação clássica, com os clássicos portugueses e com os clássicos brasileiros, também. E aí eu procurei ler esse clássicos: Antônio Vieira, Manuel Bernardes, o Flávio de Almeida, e os brasileiros também: o Machado de Assis, principalmente, né? Então, de certa forma, ele me endereçou para os clássicos portugueses que escrevem extremamente bem, aqueles padres, principalmente o Bernardes e o Vieira escrevem extremamente bem. E, sabem usar o idioma com muita malícia, não é? E foi mais ou menos assim. Essa coisa que eu me peguei com a literatura por aí, não é? E quando eu comecei a sentir a coisa, mas também, essa coisa chegava para mim, num outro país, o Brasil era outro país, etc... havia uma atmosfera cultural bem melhor, e artística, bem melhor. O cinema que se via era muito melhor. Eu via por exemplo, o neo-realismo italiano, no cinema, o Dessicca, enfim, os mestres italianos, o Rossellini; até cinema japonês eu cheguei a ver, com 17 anos, o Akira Kurosawa e tal; e aquilo me ensinou muito composição, me ensinou muito a compor, aquelas coisas todas me ensinaram, e de repente, eu estava envolvido, não era num clima literário não, era num clima artístico, num clima de criação artística. E tudo isso, puxado lá pelo homem das cavernas, e pelo Brucutu, tá entendendo? Puxado por esses dois elementos que passaram pela minha vida, né? E me deram essa curiosidade, essa... ah, o gosto pela palavra e pela literária, né? Essa coisa toda...
... intervenção

João Antônio: Muito boa. Em mil novecentos e cinquenta e sete ou oito, eu mandei um conto para um concurso permanente na revista *A cigarra*, que cuja comissão julgadora, dois nomes aí no Brasil: o Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o autor do dicionário, e o Paulo

Rónoi, que se escreve Rónai, mas como é húngaro, eu pronuncio certo: é “Ronói”; eu aprendi húngaro quando era garoto em Vila Anastácio, porque ali tinha muito húngaro, que a gente chamava de “húngareses”; eu aprendi, inclusive, coisas húngaras [inaudível], não é? Aprendi, era garoto, principalmente os xingamentos, não é? Que é a primeira coisa que a gente aprende numa língua é xingar, isso é a primeira coisa que a gente aprende, é nome feio, xingar e palavrão. Isso é a coisa que a gente logo resolve, né? Merda a gente sabe em vários idiomas, né? Aquela curiosidade para saber a coisa que não pode né? Então, esses dois mestres: o Paulo Rónai e o Aurélio Buarque de Holanda pegaram um conto meu, que chama-se “Fujie”, uma história de uma japonesa, uma história de adultério, paixão, amor, etc., e “Fujie” é mulher na montanha, então, me compararam a Mário de Andrade. Eu nunca tinha lido Mário de Andrade. Eu só fui ler o Antônio de Alcântara Machado muito tempo depois, entende?

É que naturalmente nós pertencemos a uma mesma família e que viveram certas realidades mais ou menos parecidas. Eu tenho uma grande admiração pelo Mário. Eu acho que o Mário de Andrade foi o maior trabalhador intelectual deste século, neste país, pelo volume de coisas que ele fez, e pela variedade de coisas que ele fez; mas ele também tinha falhas muito grandes. O Mário, falhas, coisas assim que são incompreensíveis para mim, que não estejam na obra dele, já que ele morava perto dessas coisas e tinha uma, quase que uma frissão pelo popular, o Mário tem isso, ele tem uma frissão pelo popular, mas ele morava na rua Lopes Chaves, na Barra Funda, e ali perto tem um lugar que era incrível, porque eu conheci quando era garoto, eu conheci ali por volta de quarenta e três, quarenta e quatro; o Mário morre em 45, mas nós morávamos no Beco da Onça, ou Navio Negreiro que era uma favela na horizontal, atrás do campo do Palmeiras, em São Paulo, na rua Caiovas, e a gente ia visitar os tios, tios-avós, avó, pegando o trem. Então saía de Vila Pompéia, era a pé até a Barra Funda para pegar o trem de subúrbio e passávamos pelo famoso “Largo da Banana”, o Largo da Banana que era justamente, ali era um armazém de produtos e cereais, etc. e banana; isso e aquilo, e aquilo tinha até, como diria um poeta: aquilo tinha sangue de suor, tinha cheiro de suor e de cebola, né? E depois subia a Alameda Olga, célebre pelas suas criolilas maravilhosas, né? Dando aqueles nós nas cadeiras, aquelas mulheres sensuais, aquela coisa tremenda e, aquele andagem grado daqueles crioulos que vinham puxando o saco, os saqueiros que trabalhavam nas sacarias, aquelas caraninhas de sabiá, aquela coisa toda. Como é que esse mundo com essa vida, com esse sabor, com essa, vamos dizer, essa sensualidade, como é que o Mário nunca viu isso na obra dele, e ele morava ali encostado. Veja bem, então essas coisas que me deixam muito com a pulga atrás da orelha, como se diz, meio

desconfiado, de que essas pessoas não foram tão ativas quanto eu penso ou tão solertes, tão acordadas, tão espertas, tão atentas, quanto às vezes a gente pensa. Você percebe? Essa coisa meio, e ao mesmo tempo, a gente vai morrer, eu vou morrer sem fazer muita coisa que eu deveria fazer, por uma questão de tempo, por uma questão de disciplina, né? É mais ou menos isso, né?

...

João Antônio: ... conta mais que eu quero fazer um elemento aí para o que se vão estudar poética do texto e tal, né? É que eu tenho sempre tento combater em mim mesmo, eu tento, ah, me disciplinar para não ser um fascinado pela própria linguagem. Eu tenho uma tendência de sacrificar o próprio interesse da história pelo interesse da palavra, isso é típico dos poetas. O poeta olha para dentro da palavra; a poesia, em grego, vocês sabem melhor do que eu, é criação, cria. Então ele olha para dentro da palavra. Acontece que o prosador não é bem assim, ele tem que ter um enredo, ele tem que ter uma história, a história é um fio condutor. E eu tenho certa tendência pra...ah...porque a minha atividade literária é antes de tudo, uma atividade lúdica... eu me divirto muito escrevendo. É uma atividade, eu tenho uma relação absolutamente sensual com as palavras, absolutamente sensual. Eu, ah, há certas palavras que eu não uso jamais, e há outras que eu procuro usar quase sempre. É uma, e há outras que; eu procuro embutir no texto palavras que não estão dicionarizadas, gírias ou coisas que eu criei e que eu embuto no texto, por uma questão, até porque eu acho aquilo muito divertido, acho aquilo muito, acho aquilo qualquer coisa parecida com os bailes, os dribles do Garrincha, qualquer coisa assim, muito brasileira, essa esperticie da frase, por exemplo, alguns jogos que eu faço com verbos pra fazer o leitor parar no meio da frase. Isso é de propósito. Êh, pro cê não ir adiante, ele tem que voltar e reler, pra entender.. Êh, essa coisa toda é um jogo, é toda uma, é todo, vamos dizer, um bailado, né? Que me é muito útil e que me diverte bastante também, além de tudo. Isso tudo sacrifica de certa maneira uma trama, um enredo, que devia ser mais linear, devia ser menos elíptico, né? Mas, é assim mesmo.

Mulher: (Coord. Pós) Não há mais perguntas? Queria fazer mais Viviano? Não? Bom, se não há mais perguntas eu queria só lembrar vocês que o João Antônio trouxe alguns livros dele pra quem quiser comprar e pegar autógrafo, né? E há, também, um livreiro aí fora que trouxe um outro livro dele, aí.

E a gente queria então agradecer sua presença aqui e dizer da alegria que a gente teve com a sua vinda aqui. Muito obrigada!

João Antônio: Eu é que quero agradecer a presença de todos vocês aqui, não é? E espero não tê-los confundido mais do que deveria, né? Porque essa história de literatura, isso aí é complicado, isso aí é complicado. Isso aí é conversa pra duas semanas, depois mais duas, e nunca vai ter solução e vai ter multiplicação, desdobramento, é o que, popularmente, se chama o barato, né? É um barato, essa coisa de literatura é um barato, é uma viagem sem fim, absolutamente encantatória, e por isso mesmo, muito difícil, né? Muito difícil, né? Porque esse encantamento todo não é qualquer coisa assim onírica, não é um negócio de sonho, êh, o sonho tá embutido. Mas, no meu caso parte de uma realidade que tá aí, não é? E é também uma atitude intelectualista diante da vida, que não tem fim, que não acaba mais, não acaba mais, é uma atividade que não dá sossego; se vocês me perguntarem quantas horas eu escrevo por dia, eu digo 24. Eu acho que eu escrevo até quando eu estou sonhando; eu só gosto de escrever, eu não gosto de mais nada. Eu só gosto de escrever.

As pessoas começam a falar comigo, eu fico olhando assim pra pessoa... é por isso que os meus sobrinhos me chamam de louco, maluquinho. Os sobrinhos perguntam pra minha mãe quando eu vou visitá-la: “Me diga uma coisa vovó, o tio João Antônio sempre foi maluquinho desse jeito?” Ela disse: “Olha, sempre foi”. Tá entendendo? “Sempre foi”. Porque, às vezes, a pessoa está falando comigo, eu não tô prestando a atenção no que ela está falando. Eu quero saber das palavras, o trabalho com a linguagem, esse negócio tem uma música. Eu digo: “Repete, por favor!” A pessoa fala, e eu... que interessante, isso tem uma música, isso tem um ritmo, tá entendendo?

E a coisa em si vai resolvendo, mas, eu vejo assim, eu sinto assim, a coisa pula. Eu digo: eu nunca elegi um tema na minha vida, eu nunca escolhi escrever sobre nada, eu fui escolhido, eu fui de repente envolvido por aquilo de uma maneira estranha, daqui a pouco, o que foi? Que coisa estranha foi essa. Então, é toda uma viagem, é toda uma... por isso aquela tal sapiência que certos autores parecem que tem, que eles dominam tudo, estão mentindo? Eles não dominam coisa nenhuma. Ou então não é autêntico, porque a coisa é muito mais forte do que eles. É muito mais forte. A obra é muito mais forte do que o artista, ela usa o artista, ela penetra. De repente, você tá é fazendo um trabalho que ele nem imaginava que fosse fazer. De repente, ele tá fazendo ali, ele tá trabalhando em cima daquilo. Eu não acredito num trabalhador da minha área, quer dizer, de um escritor que diz que ele conduz a obra. Isso ele deve tá mentindo porque há personagens, às vezes você tem um quadro de personagens e tem lá um personagem pequeno. E de repente, no desenvolvimento aquele personagem começa a aparecer, e começa a ganhar uma outra proporção, em que você diz assim, o que é

que esse mequetrefe quer aqui? O que esse intrometido quer aqui? Sabe o que que ele quer? Ele quer se transformar em personagem principal e já se transformou. Ele vai ser o centro das coisas e você ainda não sabe. Então, há aí, eu não quero entrar aí em preocupações teológicas, nem mediúnicas, mas o Guimarães Rosa admitia isso, o João Guimarães Rosa admitia que havia um processo de passagem que ele não explicava muito bem. Então, sem essa, sem esse encantamento pela literatura e ao mesmo tempo essa humildade de entender que o autor também é uma espécie de cavalo de guia, de recebedor das coisas, e tal, eu acho que não dá pra realizar uma obra realmente espontânea, realmente digna, realmente humanística, realmente sincera; eu não vejo como.

É isso aí que eu tenho que falar, muito obrigado então!

(aplausos)

Abraçado ao meu rancor. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Nas orelhas de *Abraçado ao meu rancor*, temos a bibliografia de João Antônio, o tipo de narrativa de que trata o autor, preocupada com o submundo, a marginalidade, e conseqüentemente, com uma linguagem retratando esse submundo. Ao final, retoma-se o prefácio de Alfredo Bosi para este livro, intitulado “Um boêmio entre duas cidades.”

Afinação na arte chutar tampinhas. Curitiba, PR: Gráfica Tornato, 1993.

Em algumas opiniões sobre João Antônio, Fausto Cunha comenta a ligação direta leitor-personagem em João Antônio, e fala da obra prima “*Meninão do Caixote*”. Edna Savaget fala que “nunca o submundo teve um amante tão prepotente”. Já Sérgio Milliet fala da inveja que algumas das cenas de João Antônio causam em escritores bem mais experientes. Temos, ainda, Antonio Candido falando sobre seu conto “Paulinho Perna-Torta” e a facilidade da prosa aderente a todos os níveis de realidade e Alfredo Bosi discorrendo sobre o “povo” de João Antônio. Por fim, José V. Veiga lembra a crítica alemã que é dedicada a João Antônio, em jornais alemães, como *B.Z.* de Berlim ou *Die Welt*, Bonn.

Afinação da arte de chutar tampinhas. Curitiba, PR: Gráfica Tornato, 1993.

Nas orelhas deste livro, além de dados biográficos, temos uma pequena síntese de sua obra: “Escritor moderno, de linguagem vigorosa, seus romances, crônicas e contos retratam, como poucos, pequenos-grandes acontecimentos da vida de todo dia do povo brasileiro, seu grande personagem.”

AGUIAR, Flávio. Evocação de João Antônio ou do purgatório ao inferno. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 105-120, 1999.

Flávio Aguiar apresenta este artigo, cedido ao “Simpósio Internacional” *Brasil: país do passado?*, realizado em junho de 1998, no Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade Livre de Berlim e no Instituto Cultural Brasileiro de Berlim (ICBRA). Flávio Aguiar comenta um artigo que escrevera sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, intitulado “A palavra no purgatório” em que discute sobre o inferno imposto pelas classe dominantes e seus

testas-de-ferro, entre outros. Analisa, ainda, o tipo de narrativa utilizada por João Antônio, mostrando como é construído o Brasil deste contista.

ALVES, Eduardo Francisco. Dois olhares, uma vida. In: ANTÔNIO, João: *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Neste artigo, Eduardo Francisco Alves aponta a diferença que existe entre este livro e os demais livros do contista, já que neste não há nenhuma palavra de João Antônio, mas sim, a transcrição ditada por Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, em um sanatório. Aponta, também, o trabalho de lapidação por João Antônio para enfim, constituir este livro, que é o pensamento vivo de Lima Barreto.

AMADO, Jorge. Apresentação. In: ANTÔNIO, João. *Dedo Duro & Meninão do Caixote*, p. 9-10.

Jorge Amado, na Apresentação de *Dedo Duro & Meninão do Caixote*, compara João Antônio a Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto e Marques Rebelo, já que cada qual é importante para uma época de nossa literatura. E fala da relação Lima Barreto e João Antônio, pois ambos trabalham com a vida difícil e distorcida, “ganha a soco por homens e mulheres que são os de hoje, desse mundo injusto e desatinado”. E complementa, dizendo: “João Antônio trabalha com o lixo da vida e com ele constrói beleza e poesia”.

AMARAL, M. do, SOUZA, N. A. A. de. *O escritor nas bibliotecas: diálogos e debates*. São Paulo: Cultura – Secretaria da Cultura (SMC), p. 49-51, 1993-1994.

É feita uma síntese bibliográfica de João Antônio, além de perguntas, que são respondidas por ele, referentes ao uso de gírias, influências sofridas por ele, a construção de seus textos, os direitos autorais, a relação de atração leitor-obra. Sendo assim, fala sobre influências recebidas de Hemingway, Steinbeck, Henry Miller, músicos e poetas da MPB e o cinema neo-realista italiano.

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

Nas orelhas do livro, temos um comentário sobre os livros do contista, apontando o cenário em que cada um deles se insere, como também suas atividades profissionais. Deste modo, temos uma atenção dedicada a *Abraçado ao meu rancor*, descrevendo suas histórias e o prêmio *Jabuti* que este livro lhe rendeu. Finalmente, temos alguns dados biográficos de João Antônio.

Já na contracapa de trás do livro, temos um trecho de Antonio Candido que trata da importância da obra de João Antônio ao dar voz a indivíduos excluídos, mostrando-os em pé de igualdade com indivíduos de todas as classes e grupos. Este trecho pertence a um artigo da *Revista Remate de Males*, dedicada ao contista, denominado “Na noite enxovalhada”.

ANTÔNIO, João. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte; INL, 1983.

Temos comentários críticos de Sérgio Milliet, Mário da Silva Brito, Antonio Candido, Jorge Amado, Fausto Cunha, Ricardo Ramos, Edna Savaget, e Ary da Mota, sobre os cenários dos contos de João Antônio, sua linguagem própria do cotidiano da malandragem, citando como exemplo *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Mostra-se, também, a autenticidade vivencial de João Antônio, trabalhando com a marginalidade.

Já em uma “nota biográfica” temos um pouco de sua vida, suas experiências profissionais, suas amizades e uma breve história de seus contos. Em seguida, são elencadas suas obras, os seus contos, em antologias no Brasil e no estrangeiro, e obras críticas sobre o autor (em livros, jornais e revistas).

ANTÔNIO, João. “Escrevo de dentro para fora”. In: _____. *Patuléia: gentes de rua*. São Paulo: Ática, 1996, p. 3-5.

Em “Escrevo de dentro para fora”, João Antônio responde a algumas questões sobre seus contos, sobre o porquê do nome “Patuléia” (sinônimo de “patota”), seus contos favoritos de *Patuléia* (todos são especiais) e como nasceu “Paulinho Perna Torta”. Também relata que não escolheu seus personagens, mas foi atraído por eles; em seguida, fala de sua relação com a literatura.

Uma nota interessante feita por ele, ao responder se o mundo retratado nos contos de *Paulinho Perna Torta* continua real: “O universal não tem data. A base de tudo é o homem e seus problemas fundamentais – o amor, a solidão, o medo, o sonho - ele é o epicentro e o mundo retratado perde importância. O que move esse mundo são os sentimentos humanos e

quando o escritor sabe movê-lo por tais sentimentos, tanto faz um personagem andar num camelo, numa nave espacial ou a pé”.

ANTÔNIO, João. *Literatura comentada*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por João da Silva Ribeiro Neto. São Paulo: Abril Educação, 1981.

Em “João Antônio: um escritor em construção”, temos uma completa biografia de João Antônio. Ali conhecemos um pouco da origem da família de João Antônio, sua infância no bairro de Presidente Altino e, mais tarde, no bairro da Pompéia. Também tomamos contato com sua adolescência na Vila Jaquara, depois, na Vila Anastácio, com os lugares onde estudou e trabalhou, e sua relação com seu pai. Fala dos seus primeiros contos, vencedores de concursos promovidos pela extinta revista *A cigarra*, e pelos jornais, *Tribuna da Imprensa* ou *Última Hora*. Depois, como aconteceu sua ida ao Rio de Janeiro - sua primeira grande experiência jornalística, trabalhando no *Jornal do Brasil*, seu retorno a São Paulo, onde vive sua mais importante experiência jornalística, a da revista *Realidade* da editora Abril. No Rio, trabalha na revista *Manchete*, no jornal *O Globo*, no *Diário de Notícias*, no *Pasquim*. Também, são relatadas suas experiências em Londrina, estado do Paraná. Em um último momento, temos uma cronologia de sua bibliografia, seguida de sua cronologia biográfica e um breve estudo de sua obra.

ANTÔNIO, João. Malagueta em Berlim, oito meses sem sol. *Nossa América*, p. 64-71, mar.-abr., 1989, n.1.

O depoimento desta revista está, também, em uma entrevista dada, em 1988, por João Antônio na revista do Gabinete, *Revista dos escritores marginalizados*, de Belo Horizonte. João Antônio, em “Malagueta em Berlim, oito meses sem sol”, depõe sobre sua experiência em estar na Europa a convite do governo da Alemanha, suas palestras sobre seus livros. Veja-se a referência correspondente.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço & Malhação do Judas Carioca*. São Paulo: Clube do livro, 1987, p. 315-324.

João Antônio critica o excesso de preocupação com a forma: “Nossa severa obediência às modas e aos *ismos*, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô

espiritual, ainda vai muito acesa.” E comenta sobre a necessidade de assumirmos o compromisso de escrever, sem nos distanciarmos do povo e da terra, citando autores que “firmaram um compromisso sério com o fato social”, como Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins, Oswald de Andrade e Manuel Antônio de Almeida, entre outros.

ANTÔNIO, João. Marginália. *Cultura Contemporânea*. Manaus, Rio Branco, n.6, 1977.

Em entrevista à revista *Cultura Contemporânea*, João Antônio fala do contato direto com o público escolar, que faz questão de manter, participando de palestras e encontros organizados por escolas, ou mesmo, universitários. Discute, também, sobre o que representa o público universitário para a nossa literatura e ainda, sobre a falta de uma literatura que esteja no nível da realidade brasileira, com todas as características próprias de cada região. Sempre ilustra suas opiniões, com exemplos de autores nacionais e internacionais, desde Zola e Katherine Mansfield até Guimarães Rosa e José J. Veiga. Encerrando, comenta o problema da falta de condição cultural para o universitário brasileiro, seguida da má distribuição do livro em nosso país.

ANTÔNIO, João. O autor e sua obra. In: _____. *Meninão do caixote*. 4. Ed. São Paulo: Atual, 1991, p. 81-83.

Em o “Autor e sua obra”, João Antônio fala sobre seus gostos, o povo, o samba e a sinuca, e ainda, sobre seus dois maiores admiradores: Lima Barreto e Noel Rosa. Ainda, fala sobre a influência de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Manuel Antônio de Almeida, e a importância deles para a sua literatura.

ANTÔNIO, João. (org.). *O moderno conto brasileiro: antologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Temos alguns dados bibliográficos do contista, seguido da apresentação do seu conto “Meninão do Caixote”.

ANTÔNIO, João. O povão na Literatura. In: IV JORNADA NACIONAL DE LITERATURA, *Anais*, 1991, p. 85-88.

Em “O povão na Literatura”, João Antônio trata de sua visão sobre quando e através de quem o povão entra na Literatura. Para ele, o povão entra na literatura, no início do século passado, através de dois escritores: Euclides da Cunha, com o povão do sertão, o povo do interior, principalmente, com *Os sertões* e Lima Barreto, com o povo da cidade grande. Ambos, banidos pelo sistema, não foram muito bem “engolidos”. Em seguida, fala que *Memórias de um sargento de Milícias* é o tio-avô, e *Macunaíma* é o avô de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Acrescenta que, no romance de 30, tivemos Raquel de Queiroz, Zé Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Dionélio Machado, que deram continuidade à explosão feita por Lima Barreto e Euclides da Cunha. Por fim, fala de autores como Loyola Brandão, Lígia Fagundes Telles, Antônio Torres, Márcio de Souza, João Ubaldo Ribeiro, que apesar da repressão imposta pelo AI-5, foram falar desse “povo”, buscando sua própria cara.

ANTÔNIO, João. Para mim o leitor é um parceiro que vou procurar. In: _____. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Ática, 1987.

Em “Para mim o leitor é um parceiro que vou procurar”, João Antônio fala da sua relação entre vida e obra: “Eu me vejo como uma pessoa irremediavelmente presa ao ato de escrever. Não consigo viver sem ele”. Lembra de quando começou sua verdadeira paixão pela literatura, das mudanças depois de “Malagueta” e quando surgiu a idéia de escrevê-lo: “Não imaginei nada na história de Malagueta. Simplesmente foi a coleta de uma experiência vivida numerosas vezes e que ainda hoje se vive.” Continua, revelando sua intenção ao escrever Malagueta, fazendo-o parecer à partida de sinuca que, “dependendo da habilidade do jogador, poderá se desdobrar em muitas outras.” Acrescenta que, “qualquer boteco é lugar para escrever quando se carrega a gana de transmitir. Gana é um fato sério que dá convicção” e comentando sobre sua insatisfação com seus textos: “Difícilmente um texto meu me agrada: Creio que um autor deve agarrar o leitor a partir da primeira frase, ou ainda melhor, do título”.

ANTÔNIO, João. In: PELLEGRINI JR. , Domingos (org.) et al. *Sete Contos Seten Cantos*. 2.Ed. São Paulo: FTD, 1989, 4 v., p. 39.

Temos um pouco da autobiografia do contista, que nos recomenda a leitura de “Paulo Melado do chapéu Mangueira Serralha” de seu livro *Dedo-duro*, além disso, temos alguns dados pessoais. Fala, também, de seu trabalho com o jornalismo, de suas conferências pelo

mundo, e de seus contos, traduzidos em vários países. Por fim, cita a existência de três teses defendidas no exterior a seu respeito.

ANTÔNIO, João. Um escritor brasileiro na Europa. *Revista do Gabinete*, n.2, p. 81-92, dez., 1988.

João Antônio, em *Um escritor brasileiro na Europa*, depõe sobre sua experiência de estar na Europa a convite do governo da Alemanha, suas palestras sobre seus livros, e acrescenta: “se lhes sobra computadorização, horários firmes, serviços que funcionam direitinho, lhes faltam espontaneidade e alegria de viver, esperança e mais que tudo, jogo de juntas. Poderão ser eficientes. Mas são atrapalhados até no andar. Falta-lhes, como lhes falta graça ...mas dominam uma tecnologia de ponta e, ai!” Segue, comparando Brasil e Alemanha, seus lugares, população, e até os cachorros (que “são um capítulo do bem-querer ou da solidão da cidade grande”), as academias de bilhares (“que não há moscas, cusparadas no chão, palavrões nas bocas e nas paredes e fumacê de cigarros baratos. E não tem a alegria, o à vontade, o rumor amalandrado das sinucas do Rio ou de São Paulo”). João Antônio também, cita algumas cidades alemãs como Berlim e Hamburgo. Desta forma, compõe um quadro de sua vida em Berlim, intitulado “Num pedaço de Berlim”.

ANTÔNIO, João. *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. São Paulo: Atual, 1993.

Nas orelhas do livro, João Antônio nos dá alguns de seus dados biográficos e a certeza de que é preciso lutar pelo Brasil.

Já na contracapa, a série Transas & tramas sintetiza suas histórias deste modo: *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*: “Sete contos que narram as desventuras de Jacarandá, um herói da vida moderna que conseguem sobreviver apesar das preocupações sociais e financeiras que o afligem”.

ARÊAS, Vilma. Chorinhos de um retratista (improviso). *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 121-137, 1999.

Comenta a matéria “Um corpo-a-corpo com a vida”, a preocupação de João Antônio com o pobre, descrevendo sua linguagem, cultura e tradições. Sendo assim, segue examinando

alguns recursos da prosa de João Antônio, que deixou o retrato de várias personalidades como: Garrincha, Aracy de Almeida, Noel Rosa, entre outros, de *A dama do Encantado*; e Getúlio Vargas, de *Lambões de Caçarola*. Isso mostra como a galeria do contista é variada, intercalando pobres anônimos com grandes personalidades. Observa, também, a existência do ritmo, metro e até rima, na prosa de João Antônio; para comprovar, utiliza um trecho de “Paulinho Perna-Torta”. Por fim, comenta a influência do choro em sua poética.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38 Ed., São Paulo: Cultrix, 1994.

João Antônio é citado em duas notas neste livro. Na primeira, Alfredo Bosi elenca os autores abordados em seu livro *O conto brasileiro contemporâneo*, 3.^a ed., Cultrix, 1979, dentre os quais inclui João Antônio. Na segunda nota, temos uma listagem de autores que participam de uma linha neo-realista, que explora o universo urbano ou marginal, citando o exemplo de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o qual considera seu melhor livro de contos.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: ____ (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 15-16, p. 18-19.

Em “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo”, Alfredo Bosi cita os nomes de João Antônio, ao tratar, na p. 10, da aguda percepção de que o contista possui no discurso ficcional, reconhecendo as lesões sociais que vão da subida do marginal paulista, até ao marginal carioca, de *Lúcia Macartney* e de Rubem Fonseca.

Em outro momento, discute a linguagem de João Antônio, na página 15. Já nas páginas 18 e 19, comenta o estilo de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em que João Antônio se utiliza de uma linguagem lírico-popular.

Uma nota importante, que revela a personalidade de João Antônio: na página 263, há alguns dados biográficos do escritor, em que está escrito João Antônio Pereira Filho. João Antônio o corrige à caneta preta, riscando Pereira e escrevendo Ferreira (a forma correta).

BOSI, Alfredo. Um boêmio entre duas cidades. In: ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Em “Um boêmio entre duas cidades”, Alfredo Bosi tece comentários sobre a condição humana e literária de João Antônio, que o influencia em *Abraçado ao meu rancor*. Também

fala da importância de lermos as “entrelinhas” dos contos e do equívoco do termo “marginal”. Segue dizendo que João Antônio revive o perfil do boêmio amargo e clarividente que teve nas letras brasileiras, o exemplo de Lima Barreto: Mestiço, pobre, suburbano, noctívago, elítico, anarquista ou quase, homem da escrita e do jornal, quantas afinidades guardadas nas entranhas da memória!”. Por isso, seus livros são “para Afonso Henriques de Lima Barreto – pioneiro”. Continua, comparando seu livro a *Triste fim de Policarpo Quaresma*, já que ambos apresentam um sentido de protesto, apresentando São Paulo, dividida em dois planos contrapostos: o da ficção e o da realidade. Surge como alternativa, a criação de *outra cidade* onde se pode “sonhar acordado.” Assim sendo, o boêmio ao voltar à casa materna, em Presidente Altino, “vai reencontrar não mais a outra cidade antiga e já perdida, mas a outra face da cidade nova, face que a indústria fabrica e recusa”.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985, p. 78-79.

João Antônio, nesta entrevista, fala sobre seus personagens, que partem de uma realidade vivida. Diz, também, diz que “um samba de Nelson Cavaquinho ou Geraldo Pereira, um poema de Dylan Thomas, ou um texto de Mário de Andrade” motivam seus personagens. Por isso, seus personagens “vivem na vida”, e , depois, em seu papel.

BRASIL, Assis. *Teoria e prática literária*. Rio de Janeiro. Topsbooks, 1995, p. 235-241.

Na terceira parte de seu livro, Assis Brasil fala da questão do conto, comentando a produção na década de 50 e 60, em que houve “um interesse sério pelo conto, dando-lhe maioridade estética”. Também, cita alguns nomes dessa “época de ouro da narrativa curta no Brasil”: José J. da Veiga, Jorge Medauar, José Louzeiro (fase literária), Murilo Rubião, Ivan Ângelo, Ruben Fonseca, Luiz Vilela, José Edson Gomes, Rodrigues Marques, Wander Piroli Maura Lopes Cançado, e João Antônio. Depois, segue falando do conto no início da década de 70, dos romancistas que também trabalhavam com contos e de alguns novos romancistas destes mesmo período.

BRASIL CULTURA. Buenos Aires, ano VII, n.9, dez. 1982.

Neste artigo, em espanhol, temos a biografia do autor desde a infância, passando por suas experiências profissionais, até à publicação de seus contos, apontando os prêmios que

Malagueta, Perus e Bacanaço lhe rendeu. Anterior a esta colocação, temos a versão de “Afinación del Arte de Patear Tapetas” por Víctor Taphanel.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Brazilian authors translated abroad*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

Trata-se de um quadro das obras de João Antônio, com seus títulos originais, novos títulos após a tradução, seus tradutores, a língua para que foram traduzidos, e localização do texto traduzido. Os contos citados são: “Joãozinho da Babilônia” (em polonês), *Malagueta, Perus e Bacanaço* (em czech) e “Malagueta, Perus e Bacanaço”, (em polonês).

BRITO, Mário da Silva. Arraia Miúda de João Antônio. *Protótipo*, Belo Horizonte, MG, n.7, nov., p. 4-7, 1975.

Em “Arraia miúda de João Antônio”, após uma breve bibliografia, Mário da Silva Brito comenta sobre os diversos prêmios de João Antônio e de sua importância para a moderna literatura brasileira. Em seguida, fala do estilo de sua obra, de sua linguagem “ricamente inventiva desentranhada do coloquial malandro” e do universo social com que trabalha. Por fim, fala das histórias do seu segundo livro, *Leão-de-Chácara*, suas personagens e linguagem, que possui vocabulário, sintaxe e uma língua falada nascida do cotidiano popular.

Este texto integraria, mais tarde, a quinta edição de *Leão-de-Chácara*, pela Civilização Brasileira, 1976.

BRITO, Mário da Silva. A sofrida arraia miúda de João Antônio. In: ANTÔNIO, João. *Leão de Chácara*. 5.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Esta crítica, em pouca coisa modificada, faz parte da revista *Protótipo*, nº7. Em “A sofrida arraia miúda de João Antônio” Mário da Silva Brito trata dos diversos prêmios de João Antônio e de sua importância para a moderna literatura brasileira. Em seguida, comenta o estilo de sua obra, de sua linguagem “ricamente inventiva desentranhada do coloquial malandro” e do universo social com que trabalha. Por fim, fala das histórias do seu segundo livro: *Leão-de-Chácara*, comentando suas personagens e linguagem. Esta matéria se encontra nas orelhas deste livro.

BRITO, Mário da Silva. Os malandros paulistas entram na Literatura. In: ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

Mário da Silva Brito, nas orelhas do livro, com o título “Os malandros paulistas entram na literatura” compara João Antônio a Antônio de Alcântara Machado e Damon Runyon, por ser um contista urbano, trabalhar na mesma área, escolher cenário semelhantes, estimar o povo e compreendê-lo. Depois, trata da obra de João Antônio, suas personagens, que não são pitorescas, mas, engraçadas, anedóticas e suas histórias vincadas de realismo e verdade. Para ele, João Antônio se destaca na “crônica da malandragem” e o define como “poeta dos malandros e dos pobre-diabos”.

BRITO, Mário da Silva. Um corpo-a-corpo com a vida. In: ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Nesta crítica, que se encontra nas orelhas do livro, Mário da Silva Brito denomina como sendo best-sellers, os livros *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*. Inclui João Antônio em uma prática literária comprometida com a realidade, desentranhada do fato social e de sua preocupação em captar o “ponto-de-vista” de seus sofredores personagens. Parte, então, para um comentário sobre o livro *Malhação do Judas Carioca*, desinteressado de “vanguardices”, mas sim, interessado com os aspectos da realidade brasileira, retrata, através de textos ágeis, o mundo que nos rodeia, daí o título “Um corpo-a-corpo com a vida”.

BRUNO, Haroldo. João Antônio e “ sua estética da porrada”. In: _____. *Novos Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980, p. 242-245.

Em “João Antônio e a sua estética da porrada”, Haroldo Bruno faz uma leitura de João Antônio, “um ficcionista que não se compraz na exposição do sórdido e degradado, com extraordinário poder de inventiva, com recursos verbais, capazes de transfigurar o sórdido e o degradado, comunicando-lhes a grandeza da tragédia.” Inicia, tecendo um comentário dos livros *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*, passando por *Malhação do Judas Carioca*, terminando por uma matéria intitulada *Corpo-a-corpo com a vida*, em que “seus contos se alicerçam sobre os fundamentos de uma literatura de tradição popular, urbana, neo-

realista, picaresca segundo os padrões vigentes da anti-heroicidade, diretamente compromissada com o social”.

BRUNO, Haroldo. Um contista entre o humor e a dramaticidade. In: _____. *Novos Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL- Mec, 1980, p. 133-135.

Já no início de seu texto, Haroldo Bruno compara Jeferson Ribeiro de Andrade a João Antônio, pois, com livro *Um homem bebe cerveja no bar do Odilon*, Jeferson Ribeiro de Andrade se põe na linha da ficção de sentido popular, de que João Antônio é precursor.

CAMINHA, Edmilson. *Palavra de Escritor*. 2.Ed., Brasília: Thesaurus, 1996, p. 129-140.

Na introdução da entrevista, há uma bibliografia de João Antônio e algumas informações sobre a sua obra: “Poucas obras, como a sua, retratam a maneira tão pungente a miséria dos bêbados, das prostitutas, dos traficantes, dos delatores, um Brasil que insistimos em não ver.”

Já na entrevista, João Antônio responde a perguntas sobre o que é conto para ele, o espaço que o conto ocupa no Brasil, as dificuldades da realização do conto enquanto obra de arte literária, e ainda, sobre o panorama histórico do conto e o porquê de ter escolhido o submundo como cenário. A seguir, fala sobre o problema da violência no Brasil, o porquê de sua admiração por Lima Barreto, além de dar sua opinião sobre a crítica literária brasileira, sobre o papel da literatura enquanto divulgador da literatura, e por fim, sobre a relação escritor / diretor no Brasil.

CANDIDO, Antonio, BRITO, M. da Silva. In: ANTÔNIO, João: *Paulinho Perna Torta*. 12.Ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

Mário da Silva Brito e Antonio Candido, nas orelhas do livro, tecem alguns comentários acerca da obra de João Antônio, especialmente, sobre *Paulinho Perna Torta*. Mário da Silva Brito fala sobre as contribuições de João Antônio, para a literatura e o denomina “Poeta dos malandros e dos pobres-diabos”. Também, Antonio Candido define o “conto longo” *Paulinho Perna Torta*, como a obra prima de João Antônio e “obra-prima em nossa ficção”, e fala sobre as facilidades de leitura, em todos os “níveis de realidade”.

CANDIDO, Antonio. Na noite enxovalhada. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 83-88, 1999.

Fala sobre a capacidade de João Antônio em criar linguagem a partir da que se fala no dia-a-dia. Comenta sobre as características comuns em seus contos, como a ausência de sentimentalismo, por escolha própria, para dar destaque à realidade dura em que vivem seus personagens, proporcionando a nós, leitores, a entrada no universo deles. Para comprovar, faz uma rápida análise dos contos “Meninão do Caixote” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Conclui que narrador e personagem se fundem em um estilo único de linguagem: a linguagem popular, e que isto é importante para a ficção literária: dar voz, em pé de igualdade, aos marginalizados.

Caramba. *Malditos escritores!*: Revista Extra Brasileira, São Paulo, n.4, p.45, mar., 1977.

É feito um levantamento biográfico de João Antônio e de algumas das formas pelas quais ele é conhecido: “astro da literatura amassada”; “escritor que cheira o povo e não fede a gabinete”, “poeta dos malandros e dos pobres-diabos”, “autor de um livro (Leão-de-Chácara) que deu um soco na cara da nossa crítica”. Ainda, comenta sobre a comparação que se faz com o mestre francês Rabelais, sendo chamado de “Rabelais da Boca do Lixo”. Por fim, é feita uma bibliografia de suas obras, como também são citados os lugares onde já trabalhou e os trabalhos que ele vinha desenvolvendo a convite das universidades de Letras e Comunicação.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Meu Perfil de João Antônio. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 11-23, 1999.

Fala da sua amizade com João Antônio, relembando os momentos em que passaram juntos, inclusive, uma conversa numa mesa de bar, em que João Antônio lhe mostrara a idéia de construir os três malandros: Malagueta, Perus e Bacanaço. Segue mostrando aspectos de sua correspondência com o contista.

CARTA, Luís (dir.) et al. *25 contos brasileiros*, n. 23, São Paulo: Status, s.d.

Temos uma discussão sobre o gênero que João Antônio pratica, e que, depois de 12 anos esquecido, vem a ser tão discutido. Comenta “Um corpo-a-corpo com a vida”, os contos de

Malagueta, Perus e Bacanaço, seguido de *Leão-de-Chácara, Malhação do Judas Carioca, Casa de Louco, Calvário e Porres do Pingente*, Antônio Henriques de Lima Barreto (estes dois últimos estariam ainda sendo preparados).

Casa de Loucos. 2.Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Fala sobre João Antônio, autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, e comenta a linguagem de suas narrativas, em *Casa de Loucos*.

COELHO, Nelly Novaes. *Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão de Xácara*. In: COELHO, Jacinto do Prado(dir.). *Colóquio Letras*. n.32, p. 92-94, jul., 1976.

Nelly Novaes Coelho dá sua opinião crítica sobre o destino de João Antônio e sua reedição de *Leão de Chácara* (grafado no título, como Xácara) que esgotou em menos de quinze dias, e a reimpressão de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que foi traduzido em diversos países e elogiado por nomes respeitados, como Marques Rebelo, Mário da Silva Brito, Léo Gilson Ribeiro, Leonardo Arroyo e Pilar Gomes Bedate no ensaio “João Antônio y la picaresca paulista”. Trata da, até então, intenção de adaptar *Malagueta, Perus e Bacanaço* ao cinema e do mundo prosaico/picaresco da malandragem paulistana. Encerra, comparando João Antônio a um “Guimarães Rosa urbano” pela sua linguagem própria. Nelly chega, até mesmo, a sugerir um novo nome à linguagem própria de João Antônio, o *joãoantonês* : “É Língua Portuguesa ? Brasileira ? Ou *joãoantonês* ?”

CUNHA, Fausto et al. In: ANTÔNIO, João. *Guardador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

Em algumas opiniões sobre João Antônio – o clássico velhaco, temos várias críticas sobre sua obra: Fausto Cunha afirma que *Meninão do Caixote* é uma obra-prima do conto brasileiro, mas não a única de João Antônio, Sérgio Milliet diz que, algumas “obras primas” são de “causar inveja em pessoas muito mais experientes” ; Antonio Candido diz que sua obra pode ser lida por pessoa de todos os níveis de realidade, e Alfredo Bosi fala do “povo” de João Antônio.

CUNHA, Fausto. Os meninos de João Antônio. In: Antônio, João. *Meninão do Caixote*. 4. Ed. São Paulo: Atual, 1991.

Em “Os meninos de João Antônio”, Fausto Cunha tece comentários sobre *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e outros, que vieram depois deste. Define João Antônio como um lutador na situação cultural deste país. Por fim, comenta sobre os contos “Meninão do Caixote” e “Frio”, em que temos uma atenção dedicada aos meninos e, ainda, comenta “Lambões de Caçarola”.

DIAFÉRIA, Lourenço. Do Joãozinho ao João Antônio. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 57-63, 1999.

Neste depoimento, Lourenço Diaféria traça a biografia de João Antônio, desde o menino “Joãozinho”, até suas passagens pelo ambiente da malandragem, onde viveu experiências importantes, até chegar a ser o “escritor famoso”, João Antônio.

DURIGAN, Jesus Antônio. João Antônio: o leão e a estrela. In: ANTÔNIO, João. *Leão de Chácara*. 7.Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p.11-17.

Em “João Antônio: o leão e a estrela”, Jesus Antônio Durigan diz que, por sua ficção, João Antônio não deveria ser chamado de “o clássico velhaco”, “escritor do submundo”, “autor da marginalidade”, “que trabalha com o livro de vida”, “que escreve como um soco”, porque esses rótulos não “esgotam” os muitos outros sentidos que a obra de João Antônio possa possuir. Trata da relação texto/contexto em sua ficção, as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ligadas ao golpe de 1964, acrescentando: “No caminho das representações internas aos textos, a ficção do autor teima em mimetizar a realidade de ponta-cabeça, substituindo e invertendo de maneira notável o enfoque do mundo representado, sempre com o olhar voltado da periferia para o centro, do resíduo para o sistematizado, do excluído para o integrado.” Com base nesta afirmação, continua caracterizando as personagens de João Antônio. Tece, também, comentários sobre a relação de *Leão de Chácara*, *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, *Dedo-duro*, e *Abraçado ao meu Rancor*. Por fim, fala de *Leão de Chácara*, em que notamos um dos aspectos mais relevantes da obra de João Antônio – o processo de aprendizagem. Também fala do “narrador malandro” (que se manifesta, em termos práticos, através da *bricolage*), fazendo uma união harmônica entre

ditos populares, biografias, gírias, estereótipos e características textuais com ritmo, pontuação e sonoridade.

FREITAS Filho, Armando. O caso João Antônio. In: _____. *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980. 2 v., p. 49-62.

Discute sobre os nomes que algumas pessoas dão à obra de João Antônio, comparando-a a uma versão jornalística de Jorge Amado. Essa comparação se deve à tematização do povo e a um novo papel do escritor; comprometido com a realidade brasileira, Freitas Filho diz ser essas as novidades que o contista traz. Em seguida, inclui o contista em uma literatura engajada, refletindo o momento histórico e a figura do marginal. Trata, ainda, de um possível “neonaturalismo” de João Antônio. Segue-se a essa matéria, uma entrevista de João Antônio, respondendo questões sobre: a função da literatura na década de 70, com seus temas de marginalidade, do submundo e do povo. Por fim, fala sobre as tendências da ficção brasileira contemporânea, a aproximação literatura/jornalismo nos anos 70 e, ainda, a valorização da “reportagem romanceada”.

GUIMARÃES, Josué. Os Órfãos. In: ANTÔNIO, João. *Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil)*. 3. Ed. Porto Alegre: L&PM, 1977.

Em “Os Órfãos”, Josué Guimarães comenta o que é importante para os lambões: “poder acreditar nalguma coisa que não seja a dura e decepcionante realidade de todos os dias”, e sobre o papel de Getúlio, “pai dos pobres”, para esses brasileiros que esperavam nele, como esperavam em Godot.

HOHLFELDT, Antônio. O conto brasileiro hoje. *Seminários de Literatura Brasileira. Ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 17-30 (Terceira bienal de literatura brasileira).

Antônio Hohlfeldt fala sobre nossa contística rica que, abre espaço, ainda, tanto para um conto de costumes como os de Dalton Trevisan, e como para um conto mais voltado para o elemento sócio-documental, como os de João Antônio e de outros que o autor cita.

HOHLFELDT, Antônio. O conto sócio-documental. In: _____. *Conto Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 194-197.

Neste artigo, Antônio Hohlfeldt trata da ambientação marginal e das personagens de João Antônio, apontando opiniões de críticos como Malcolm Silverman, que comentam a construção mista de seus textos, mesclando a realidade dos fatos à extrema fantasia e sensibilidade do escritor. Comenta seu livro de estréia, recorrendo à crítica de Mário da Silva Brito. Trata sobre o elemento temporal e espacial, provindos da vida do contista. Quanto à crítica de Silverman, observa que o crítico não faz uma distinção devida, na obra de João Antônio, como é o caso de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*, apontando que o primeiro possui uma narrativa até certo ponto lírica e heróica dos marginalizados, e que o segundo, é mais documental, objetivo, talvez menos literário.

João Antônio- Prêmio *Fábio* de contos. In: ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

Na contracapa, com o título: “João Antônio - Prêmio *Fábio* de contos”, temos um depoimento acerca da obra de João Antônio, feito por Fernando Goes e Leonardo Arroyo: “o realismo urbano paulistano ganha extraordinária vivência pela recuperação de tipos autênticos, pela dramática concepção, valorizada por profundos traços de lirismo da condição humana.”

LADEIRA, Julieta de Godoy (org.) *Espelho Mágico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985, p. 137-138.

Em seu depoimento ao *Espelho Mágico*, João Antônio fala sobre a personagem central de *Guardador*, Jacarandá, que aparece, também, em outros trabalhos como *Milagre chué*, *Televisão* e *Publicitário do ano*. Declara que *Guardador* foi uma homenagem a Cartola, poeta e diretor de harmonia da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, e que o conhecia há mais de vinte anos.

LAGO, Mário. *Ô Copacabana*. In: ANTÔNIO, João. *Ô Copacabana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Mário Lago, em “Ô Copacabana”, matéria que se encontra nas orelhas do livro, tece uma pequena crítica acerca de João Antônio e sua obra, dizendo que ele escreveu *Ô Copacabana* com gana, na medida em que, podemos perceber que Copacabana não é somente um bairro, reflete um Estado, espelha um país. Sendo assim, João Antônio escreve por estar fascinado por este “bairro cidade”, sem o propósito do estudo sócio-econômico, porém, retratando o dia-a-dia da gente do povo.

Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil). 3. Ed. Porto Alegre: L&PM, 1977.

Na primeira orelha, os Editores falam sobre o livro, que conta “como o povo sentia Getúlio”, e as várias classes e idades para que o livro é indicado, dizendo que “Lambões é para todos os brasileiros de 9 a 90 anos.”

Já em sua biobibliografia, temos um comentário sobre as personagens de João Antônio: os personagens de seus contos são sempre representantes das classes mais pobres e oprimidas, resultado de suas amizades com malandros, jogadores e prostitutas, e ainda, comenta a forte influência que sofreu de Lima Barreto, a quem chama, *o mestre, pioneiro e sempre vive*.

LAURITO, Ilka Brunhilde. João Antônio: o inédito. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 25-53, 1999.

Conta-nos sobre uma carta que João Antônio endereçou a ela, que se tornou o primeiro contato com o escritor, no ano de 1959; em seguida, relato-nos sua intensa correspondência com o contista, transcrevendo partes de várias das cartas de João Antônio a ela, em que o autor fala de seu processo de criação, em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Temos, aqui, o ponto de vista de um jovem, iniciante na literatura e vemos claramente suas expectativas quanto à carreira literária.

Leão de Chácara. 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Num pequeno comentário, na contracapa do livro, a Civilização Brasileira apresenta João Antônio, autor de “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, comentando as quatro narrativas, e sua ágil linguagem de *Leão-de-Chácara*, com raro brilho, idioma culto e rica sintaxe.

Livro de cabeceira do homem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Fala sobre João Antônio, autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* que "relembrou em Londrina longamente os dias desenfreados", junto à sua fauna, trazendo aos dias de hoje, a loucura do café na região norte do Paraná.

LOMBARDO, Edison Luiz. A desmistificação do malandro em contos de João Antônio. *Itinerários*, Araraquara, São Paulo, n. 2. (pte. II), p. 213-223, 1991.

Temos a análise do conto "Leão-de-Chácara", que possui o submundo de uma boate da zona sul carioca, onde a leonagem é feita por pirraça, além de comentários sobre os enferminhos e biroskas da Praça Mauá. Este trabalho é dividido em quatro partes (introdução sobre a natureza do trabalho, oposição malandro x burguesia, colocação retórica do mito do malandro e análise do texto de João Antônio), afirma que o escritor desmistifica o mito do malandro, pela transformação que faz do real.

LUCAS, Fábio. Abraçado ao meu rancor. *Colóquio Letras*, n.99, p. 137-138, set- out, 1987.

Fábio Lucas trata das perspectivas pelas quais João Antônio fora analisado: temática, história da literatura, e hoje por seu "estilo próprio". Segue comentando *Abraçado ao meu rancor*, um trabalho que trata das diversas gerações e manifestações políticas. Analisa suas personagens, narrativa, espaço e tempo, mostrando como esses elementos se combinam. Em seguida, passa por um rápido comentário sobre os contos: "Abraçado ao meu rancor", "Tatiana pequena", "Eguns", "Amsterdam aí". Encerra dizendo que o importante na arte de João Antônio é a harmonia existente entre a linguagem, seus personagens e o ambiente da narrativa.

LUCAS, Fábio. Jacarandá e sua constelação de máscaras. In: ANTÔNIO, João. *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. São Paulo: Atual, 1993.

Em "Jacarandá e sua constelação de máscaras", Fábio Lucas sintetiza "Um herói sem paradeiro" desta forma: "Tudo funciona como se o contista, já consagrado, tivesse se rendido à tentação de escrever um romance, pois cada unidade temática é presidida pela personagem Jacarandá", que vai se metamorfoseando no decorrer da narrativa (caricaturando nosso país, com sátira ao militarismo, e crítica à mídia). Portanto, temos um herói de papéis variados,

uma “constelação de máscaras”, apontadas para o brasileiro da periferia que se contrapõe à prepotência e arrogância da aristocracia rural e de seus aliados urbanos. Em seguida, Fábio Lucas encerra, dizendo que, através da “pesquisa da linguagem e da análise das condutas”, o ficcionismo sabe dar “legitimidade a essa categoria de personagens, a dos banidos do processo produtivo.”

LUCAS, Fábio. Reflexões sobre a prosa de João Antônio. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 89-103, 1999.

Fábio Lucas faz um esboço bibliográfico de João Antônio, definindo sua obra como “estética do feio” ou “cultura da pobreza”. Aborda a temática e as personagens (inclusive as femininas) de João Antônio, como também, o espaço e o seu trabalho com a linguagem. Em seguida, analisa *Abraçado ao meu rancor* (artigo publicado no *Colóquio Letras* em 1987), *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá: Poeta do momento* (artigo publicado no próprio livro, em 1993), e por fim analisa *Casa de Loucos*.

MAJADAS, Wania. Alegria: passarela da malandragem. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 139-146, 1999.

Analisando “Malaguetas, Perus e Bacanaço”, Wania Majadas traça o percurso e o espaço das personagens deste conto, com toda sua ginga. Analisa, também, os recursos de linguagem, o ponto de vista e a circularidade da obra, utilizadas por João Antônio.

Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo: Ática, 1987.

A contracapa do livro traz uma síntese sobre com que João Antônio trabalha em *Malagueta, Perus e Bacanaço*: “A vida boêmia, ao mesmo tempo alegre, miserável, trágica e corriqueira daqueles que formam o submundo das grandes cidades.” Encerra, falando do entusiasmo da crítica e do público, na estréia de “Malagueta”, em 1963.

Malhação do Judas Carioca. 2.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Na contracapa, temos um pequeno comentário sobre a linguagem e temática da obra de João Antônio.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 269-278.

Em um primeiro momento, Cremilda de Araújo Medina nos dá uma introdução da biografia de João Antônio: “há uma perfeita identificação do autor com o mundo que retrata como se houvesse um processo de simpatia no ato de criação. Essa identificação se faz justamente no plano da linguagem popular, cujas formas peculiares, o escritor assimila e amplia, dando-lhes novas conotações e tornando-as mais ricas em sugestões.”

Num segundo momento, com o título “Na Corda Bamba, A Arte dos pingentes”, Medina fala sobre a vida de João Antônio e a estreita ligação vida-literatura e sobre a infância de João Antônio, vivida em roda do choro “e em meio às leituras de Esopo, Monteiro Lobato e Guilherme de Almeida”. Ainda, com relação à influência da música em sua vida, a autora diz: “Quando lia em voz alta para o pai, ainda pequeno, aprendeu junto com o choro, que as frases devem ter ritmo e melodia. Foi lendo os clássicos e os modernos da literatura portuguesa e percebeu que cada escritor tinha seu ritmo”. Quanto à influência do bairro da Pompéia para *Lambões de Caçarola*, Cremilda fala que o bairro ensinou a João Antônio a miséria brasileira, pois via os meninos do bairro, do beco onde morava lambem o chão por onde passavam os descarregadores de açúcar. Seria então por isso que “a vivência não poderá nunca ser divorciada da literatura que escreve”, acrescentando que “Em meio a essa ficção real, escreveu *Malagueta, Perus e Bacanaço*”.

Encerrando esta parte, nos conta sobre a convivência de João Antônio com Cartola quando mudou-se para o Rio. Num último momento, extrai um fragmento de João Antônio: “Mariazinha tiro a esmo”.

MEISTER, Daniela M. Segabinazi. O romance reportagem e o romance denúncia em *Malhação do Judas Carioca e Aracelli meu amor: Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n.º 4, p. 91-100, dez 99.

Daniela inicia, localizando a obra de João Antônio e José Louzeiro no âmbito da literatura brasileira, incluindo *Aracelli meu amor* de José Louzeiro e *Malhação de Judas Carioca* de João Antônio em uma “geração da crise”. Destaca as situações temáticas de caráter urbano e

cotidiano na obra de João Antônio e o fato de o narrador estar preocupado com a vida marginal, utilizando, para isso, uma linguagem coloquial.

Por fim, aponta que, diferentemente de José Louzeiro, João Antônio descreve o cotidiano, urbano, dando ênfase aos tipos marginais da sociedade. Afirma, porém, que ambos têm a intenção clara de transgredir a ficção, desmascarando a realidade brasileira.

Meninão do Caixote. 4. Ed. São Paulo: Atual, 1991.

Na contracapa do livro, há um panorama dos contos deste livro, que trabalha com a sinuca, os cortiços, os dramas do menor abandonado e da gente simples da periferia. Comenta, ainda, como João Antônio articula seus contos com lirismo e dramaticidade, ao narrar a realidade social brasileira.

NUNES, Cassiano. Estudo Introdutório. In: ANTÔNIO, João. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte; INL, 1983, p. 31-43.

Este artigo realça as qualidades de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, resumindo-a como uma obra valorosa de nossa literatura. Elenca outras obras publicadas do contista, apontando que “Malagueta, Perus e Bacanaço” é a obra central de sua carreira, mas declara que João Antônio não é autor de uma única obra-prima; aponta, então, as qualidades dos outros contos. Observa, que em *Malagueta, Perus e Bacanaço* há três aspectos importantes: o da personalidade do autor, o da visão social do ficcionista e o da sua linguagem, discorrendo sobre cada um destes aspectos. Acrescenta, ao contar sobre sua vida, suas influências pela música popular, as leituras que o contista fizera de Graciliano Ramos, relacionando sua vida a seus contos: *Malagueta, Perus e Bacanaço, Malhação do Judas Carioca, Casa de Loucos*, entre outros.

O autor e sua obra. In:- ANTÔNIO, João. *Dedo Duro & Meninão do Caixote*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p. 245.

Esse texto também pertence à edição de *Leão de Chácara* pelo Círculo do livro, 1976. Veja-se a referência correspondente (abaixo).

O autor e sua obra. In: ANTÔNIO, João. *Leão de chácara*. São Paulo: Círculo do livro, 1976, p. 131-132.

Publicado anteriormente na edição conjunta de *Dedo Duro & Meninão do Caixote*.

Em “O autor e sua obra” há, além de dados biográficos, um resumo sobre as histórias de João Antônio: “suas narrativas costumam desenrolar-se no ambiente da malandragem e das pessoas humildes, entre boêmio, prostitutas, jogadores de sinuca e a arraia miúda dos bairros pobres, que João Antônio conheceu de perto desde cedo”. Outro enfoque é a ficção urbana de João Antônio com um trabalho de reportagem, mesmo quando, trabalha em pesquisa do idioma e da gíria. Enfim, comenta-se *Leão de Chácara*, em que o autor “incorpora a cidade do Rio de Janeiro à geografia da malandragem traçada por João Antônio.”

O melhor do conto erótico brasileiro. Curitiba, PR: Gráficar, s.d., p.8-9.

Além de ter seu conto “Fujie” publicado nesta coletânea, João Antônio recebe um pequeno, mas significativo comentário crítico, que o define como “um dos mais expressivos intérpretes literários do universo sofrido e mal pago dos pingentes, merdunchos, a arraia-miúda e sem Deus destes viventes que a cidade grande usou, puiu e houve por bem colocar à margem”. Por fim, comenta-se seu estilo incomum, enxuto e denso, e sobre a feliz idéia de Marques Rebelo, ao chamá-lo de “clássico velhaco”.

PAES, José Paulo. Ilustração e defesa do rancor. In _____. *A aventura literária* : ensaio sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 107-115.

José Paulo Paes compara João Antônio a Gregório de Mattos por colocar-se sob o signo do “rancor”, diferenciados apenas, na motivação, já que João Antônio trabalha com o rancor contra os bem-postos na vida que não tem mais por motivo a inveja, e sim o desprezo. Também retoma os textos da contracapa e do prefácio por Alfredo Bosi, que comenta a necessidade saber ler com um mínimo de “natural empatia este livro, *Abraçado ao meu rancor*. Após essas observações, conta sobre o que se trata as histórias do livro, suas personagens e espaço: “*Abraçado ao meu rancor* articula uma diatribe onde o poder de ênfase da gíria a serviço do xingamento alcança um vigor só comparável, na ficção brasileira de hoje, ao de *Um copo de cólera* de Raduan Nassar .” Também nos chama a atenção ao fato de o autor, já nas primeiras páginas de *Abraçado ao meu rancor*, dizer: “só escrevo porque tenho consciência culposa”, explicando ser este livro, fruto de uma vivência íntima do ofício.

Finalmente, aponta que no texto “expiatório-confessional” de João Antônio, “alto e bom som” são sinônimos de rancor. Aqui nos deparamos, enfim, com uma acepção positiva desse sentimento que a “moralidade convencional tem por negativo”, e também fala das polaridades existentes no livro: oposição profissional – escritor x escriba e oposição social - proletário x pequeno burguês. Termina comparando João Antônio a Alcântara Machado, com *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

PAIXÃO, Fernando. As coisas simples de João Antônio. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 65-70, 1999.

Fernando Paixão escreve sobre “Malagueta, Perus e Bacanaço”, para ele, conto que ocupa lugar de honra em nossa literatura, escrevendo sobre as pessoas comuns. Discorre sobre sua escrita, como o contista trabalha com o espaço e tempo, sua influência sobre os personagens, misturando a “ousadia da linguagem e o frescor do lirismo”, que permanecem, até hoje, atuais.

Patuléia: Gentes de rua. São Paulo: Ática, 1996.

Há, na contracapa do livro, uma síntese de *Patuléia* que tem como tipos malandros, boêmios solitários, excluídos em geral. Então, temos aqui “a vida como ela é, captada com sensibilidade por um autor que permanece fiel ao seu compromisso de dar voz ao seu povo”.

PEREIRA, Manuel da Cunha. *A palavra é... Natal*. São Paulo: Scipione, 1991, p. 84-93.

Neste pequeno comentário, temos alguns dados bibliográficos de João Antônio, além da reflexão sobre sua temática que dá atenção à vida boêmia e marginal das grandes metrópoles, descrevendo, também, seus personagens. Em seguida, temos a republicação do conto “Natal na Cafua”.

PIROLI, Wander e outros. In: ANTÔNIO, João. *Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil)*. 3. Ed. Porto Alegre: L&PM, 1977.

Na capa de trás do livro, há alguns comentários sobre *Lambões de Caçarola* e as características do contista João Antônio. Wander Piroli relembra uma conversa com João

Antônio e define “Lambões” como “As cicatrizes mais fundas de uma obra forte e generosa.” Josué Guimarães define “Lambões” como sendo “um livro para gente órfã de Getúlio Vargas”, e Hélio Silva fala sobre as personagens de João Antônio, que fazem parte de um povo para quem só existe o dia-a dia brutal, o jogo de futebol e a imagem carismática do “pai dos pobres”.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. A difusão do novo modo de narrar. In: _____. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994, p. 151-161.

Neste capítulo, temos uma análise do conto “Toninho Tala Larga” de Ariosto Augusto de Oliveira, em homenagem ao “Paulinho Perna-Torta” de João Antônio. Prossegue, então, com um pequeno apontamento sobre as diferenças e semelhanças entre estes contos, observando, inclusive, que o epígrafe do conto de Oliveira fora retirado de um trecho de “Paulinho Perna-Torta”.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. Conclusão. In: _____. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994, p. 321-325.

Na conclusão deste trabalho, a estudiosa compara as literaturas do Brasil e da Itália, apontando autores recentes que trabalham com personagens que representam um determinado grupo social: João Antônio, Murilo de Carvalho, e Roni Walter Jatobá, trabalhando seus personagens com a intenção de denúncia e reflexão crítica. Compara, então, estes personagens aos camponeses de Verga, de Corrado Alvaro, de Ignazio Silone, de Vittorini ou Carlo Levi.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. O conto sócio-documental: João Antônio. In: _____. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994, p. 137-150.

Neste capítulo, Júlia M. Polinésio aponta João Antônio como o grande mestre do conto sócio-documental, com seus personagens extraídos da marginalidade. Destaca o foco narrativo, a linguagem, a temática da morte, seus anti-heróis semelhantes aos das novelas picarescas. Assim sendo, a autora analisa o plano da enunciação e o plano do enunciado em *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, apontando as características acima mencionadas.

POLINÉSIO, Júlia Marchetti. O povo do ambiente urbano. In: _____. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994, p.275-285.

A autora trata do ambiente literário onde o povo ganha força. Para exemplificar, analisa *Ragazzi di vita* di Pasolini, apontando as características que o aproxima dos contos de João Antônio: pelo andamento rápido da narração e um ritmo agitado, seus protagonistas em constante movimento, seus narradores e personagens, diferenciados pelo sofrimento dos de João Antônio e pela alegria de *Ragazzi di vita*.

PRADO, Antônio Arnoni. Lima Barreto Personagem de João Antônio. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 147-167, 1999.

Antônio Arnoni Prado levanta a questão: por onde João Antônio se aproxima de Lima Barreto? Responde que se aproximam pelo projeto literário preocupado com os deserdados da sociedade, pelo interesse com o espaço do subúrbio e por um mesmo modo de elocução do argumento, com personagens do povo, vivendo o cotidiano de todos os dias, com muito humor que os apazigua, com um mesmo ponto de vista de um narrador que se iguala ao marginal.

1º ciclo de debates sobre Autores e livros do Vestibular. (Estudo da obra: *Meninão do Caixote*- João Antônio): São Paulo: PUC, 1985, p.2-12.

O “Estudo da obra *Meninão do Caixote*” é dividido em seis partes: Na primeira, denominada “O autor”, temos alguns dados biográficos e bibliográficos de João Antônio; na segunda, *Meninão do Caixote*, temos uma divisão das quatro narrativas que compõem o livro: “Frio”, “Lambões de Caçarola (Trabalhadores do Brasil)”, “Bolo na Garganta” e “Meninão do Caixote”, dando um panorama de cada narrativa e alguns aspectos importantes desses quatro contos. Na terceira parte, que se denomina “Estilo de Época”, *Meninão do Caixote* é considerado como literatura engajada, de denúncia social, com linguagem voltada para a renovação do vocabulário e a sintaxe da língua, imprimindo um ritmo poético às frases. Na quarta parte, “Estilo do Autor”, temos algumas opiniões críticas sobre João Antônio. Na quinta parte, “Problemas sociais apresentados”, temos os problemas sociais que os contos propõem: em *Frio*, o cotidiano de um menino pobre vivendo no submundo, em *Lambões de Caçarola*, traça o perfil de Getúlio Vargas e do “povão” de 64, e em “*Meninão do Caixote*”,

mostra um herói infantil nos jogos dos adultos. Por fim, são propostos alguns testes referentes a esses quatro contos.

Protótipo: revista dos escritores marginalizados. Belo Horizonte, MG, 1975.

Seguido de “Arraia Miúda de João Antônio” por Mário da Silva Brito, temos um depoimento de João Antônio ao *Protótipo*₂ em que nos conta um pouco sobre as suas atividades como escritor que tenta o seu profissionalismo e a profissionalização do escritor. Discorre sobre sua opinião em relação ao escritor na etapa atual da evolução cultural brasileira (na época de 1975) e sobre a televisão como veiculadora da atividade de um escritor. Trata, também, das vantagens e desvantagens de se envolver com a televisão e por fim, sobre o porquê de se fazer texto de televisão (novelas) por autores de baixo nível.

RAMOS, Ricardo (org.). *A palavra é... Futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

Em *A palavra é... Futebol*, além de dados biográficos, nós encontramos uma pequena síntese da prosa do “contista do popular paulistano”, João Antônio: “Na prosa ao mesmo tempo forte e lírica, ele constrói uma galeria de pequenos marginais, flagrando a periferia e o anti-herói. É a barra-pesada urbana que se abre à comoção do leitor.”

RAMOS, Ricardo. Prefácio. In. ANTÔNIO, João. *Zicartola e que tudo o mais vá pro inferno!* São Paulo: Scipione, 1991.

No prefácio de *Zicartola*, Ricardo Ramos comenta os tipos, lugares descritos nesta obra. Faz, ainda, uma comparação de João Antônio com João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos: “João Antônio encarna e atualiza essa inclinação severina, ou fabiana, para os nossos eternos descamisados”.

RANGEL, Carlos. Prefácio. *Revista de Arquitetura, Urbanismo e Artes*. São Paulo: MAR / ABRIMACO, p. 74, 1976.

Neste prefácio, Carlos Rangel discute a produção de João Antônio, ao retratar a cidade de São Paulo, dizendo inserir-se ela numa linha atual, denominada “novo jornalismo”, “não-ficção” ou “para-jornalismo”, que está permitindo um tipo de abordagem mais criativa e, até

mesmo, a intromissão do autor na narrativa. Comenta, ainda, o lançamento de dois best-sellers: *Malhação do Judas Carioca*, *Leão-de-Chácara* e ainda sobre o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, fruto de interesse de Maurice Capoviela para o cinema. “São Paulo, Nenhum Retoque”, por um João Antônio “carioca”, descreve de maneira a criar um conto sobre os bairros da zona oeste de São Paulo que conviveram em sua vida.

RESENDE, Vânia Maria. Meninos mergulhadores nas águas da fantasia e da realidade. In: ____ *O menino na Literatura Brasileira: Perspectiva* (série debates), 1988, p. 205-240, p. 227-232.

Em “Meninos mergulhadores nas águas da fantasia e da realidade”, Vânia Maria Resende tece comentários acerca dos meninos que esbarram em dificuldades, que sofrem, mas, não desistem e assumem o movimento que permite a interação com a realidade. Segue, apontando que essa mobilização de mundo se realiza de diferentes formas, sendo que, no caso de *Meninão do Caixote*, o menino “leva um embrulho sigiloso de cá para lá, como mandalete do adulto, atravessando, alta hora da noite, a via, traçada pelo mandante”. Aqui, a autora dedica um espaço para trabalhar com os contos de *Meninão do Caixote*, analisando a convivência das crianças miseráveis de João Antônio com a marginalidade adulta. Para tanto, perpassa os contos “Lambões de Caçarola”, “Meninão do Caixote” e “Frio”, analisando a cada um, apontando o espaço em que vive cada um dos “meninos” e os efeitos que o espaço lhes causa.

RIBEIRO, Léo Gilson. Leão de Chácara. In: ANTÔNIO, João. *Leão de Chácara*. 7.Ed. São Paulo: Liberdade, 1989.

Nas orelhas de *Leão de Chácara*, Léo Gilson Ribeiro discute sobre suas impressões com relação ao livro que “deixa o leitor fascinado pelo submundo das boates da beira do cais do porto, os inferninhos e biroscas da Praça Mauá do Rio de Janeiro” e acrescenta que “João Antônio escreve com uma vivência sem enfeites sobre a vida marginal”. João Antônio prova que “a literatura se faz também mas não somente com os requisitos intelectuais, a grandeza e os labirintos de romancistas complexos”, como em Tolstói, Svevo, Musel, Proust, Virgínia Woolf e Joyce.

RÓNAI, Paulo. Duas palavras. In: ANTÔNIO, João: *Dedo Duro & Meninão do Caixote*, p. 11-12.

Em “Duas palavras”, Paulo Rónai trata das personagens de João Antônio, em sua maioria do submundo, identificadas com o seu meio de vida e de morte, que lhes “modula os sentimentos e a fala em perpétua revolta contra a sociedade cuja pressão os esmaga, sejam eles marginais ou não”.

ROSA, Sérgio R.. Marginália. *Cultura Contemporânea*. Manaus, Rio Branco, n.6, p. 42-64, 1977.

Em *Marginália*, Sérgio Ribeiro Rosa discute sobre o termo “literatura marginal” (que vem do que está à margem), ligando este termo às prostitutas e não só aos literatos: “Entre as prostitutas e os literatos a diferença é pequena.” Também, faz a ligação entre os grandes literatos e a prisão: “Raros são grandes literatos que não foram presos”. E dá exemplos como Cervantes, Voltaire, Sartre, dizendo sobre o que representou a prisão para vários desses grandes autores. Enfim, fala do gesto de rebeldia do autor brasileiro em escrever “underground”. E acrescenta; “Para instituir o mundo da marginália como subproduto aceitável da motivação literária e dar-lhe fores de arte, indispensável é que haja, antes de tudo, talento.” E dá exemplos de autores que adotaram o “mundo da marginália”: Dalton Trevisan, Hermilo Borba Filho, Tânia Faillace, John Rechy, Plínio Marcos, Tennessee Williams e João Antônio, ao qual dedica o parágrafo seguinte. Para Sérgio Ribeiro Rosa, João Antônio é um autor “jornalisticamente bem posto e inteligente no fazer”, que nos traz em “seus pilantras, paulistas e cariocas, uma visão burguesa do homem caído, tão caído quanto Adão do Paraíso.” E termina, comparando João Antônio a Balzac, já que também tem “aquela dose de sangria que se requer para recriar a personagem.”

SALES, Herberto (org.). *Antologia de contos brasileiros*. 2. Ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

Na apresentação sobre João Antônio temos um levantamento biobibliográfico do escritor, levantando os seus prêmios obtidos, suas obras publicadas (algumas até traduzidas na Alemanha e Tchecoslováquia). Segue-se, então, a apresentação do conto *Afinação na arte de chutar tampinhas*.

SALES, Herberto (org.). *Antologia escolar de conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d., p. 281-294.

Temos uma apresentação de João Antônio, ressaltando os prêmios que seus contos lhe renderam, como também um levantamento bibliográfico do contista.

SANT'ANNA, Sérgio. *Um romance de geração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p.28.

Na página 28 do livro *Um romance de geração*, Sérgio Sant'Anna, em seus relatos, lembra a praça Serzedelo Correia, onde na época vivia João Antônio. Isso mostra a relação de amizade entre os dois.

SILVA, Aguinaldo. João Antônio: Este é o nosso *underground*. In: ANTÔNIO, João: *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Aguinaldo Silva, em “João Antônio: Este é o nosso *underground*”, comenta o caminho trilhado por João Antônio que “ultrapassa o terreno das confissões pessoais e dos chorosos problemas da classe média e vai além, em sua preocupação por mostrar o povo brasileiro”, conjugando assim, a grandeza estética com um espírito popular e democrático. E acrescenta que retratar os traços fundamentais da vida e da cultura brasileira é o trabalho de João Antônio. Assim, segundo Silva, “temos aqui o nosso *underground*”.

SILVEIRA, Ênio. João Antônio: a literatura vivida. In: ANTÔNIO, João. *Guardador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

Nas orelhas, Ênio Silveira, em “João Antônio: a literatura vivida”, salienta a característica de João Antônio de ter sua obra de ficção inserida na realidade urbana brasileira, em que seus personagens, apesar de participarem desta realidade cotidiana, são distintos e multifacetados como em alguns de seus contos. Por fim, cita uma frase de Antonio Candido em que fala da aderência de sua prosa a todos os níveis de realidade.

SILVEIRA, Ênio. Momentos Decisivos. In: ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. 2.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Nas orelhas do, Ênio Silveira, com o título “Momentos Decisivos”, comenta que *Casa de loucos*, “mais do que engenhosa *collage*, é um vigoroso painel da arte e do sacrifício de sermos brasileiros neste estágio de nossa história social.” Também comenta a opção de João Antônio em abandonar “as elevadas altitudes do formalismo estilístico, ou os vales sombrios e profundos de seus próprios conflitos anteriores para sair em campo- repórter com olhos para ver, coração para sentir e cabeça para pensar.”

SPIELMANN, Ellen. João Antônio em Berlim. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 71-79, 1999.

Ellen Spielmann, da Universidade de Berlim, fala sobre a relação que teve com o escritor João Antônio enquanto estivera na Alemanha, relatando o episódio de um dia em que João Antônio falara sobre o *Boom* de Clarice Lispector e também de outras conversas que tivera com o escritor.

STEEN, Edla van. *Viver & escrever...* Porto Alegre: L&PM, 1981, p.131-141.

João Antônio em entrevista a Edla van Steen responde a algumas questões como: qual sua visão do João Antônio escritor, sua infância e seu gosto pelas palavras, e ainda, o primeiro livro que leu, o que despertara nele a vocação para a literatura, a importância das favelas, dos marginais, das mulheres, do bordel e do jogo para a sua formação como escritor.

Fala, também, sobre *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*: quando começou a ser escrito, como foi reescrevê-lo, sobre sua opção pelo jornalismo, sua passagem pelo sanatório, seu personagem ou livro favorito e, claro, seu amor por Lima Barreto. Em seguida, trata de seu trabalho pela profissionalização do escritor brasileiro, sua opinião sobre o leitor brasileiro e a responsabilidade do escritor para com sua época. Trata, ainda, sobre o produto final da adaptação cinematográfica dos seus contos e de participação da elaboração do roteiro. Enfim, diz se vale a pena ser escritor e sobre o que estava escrevendo na época desta entrevista.

Em assim sendo, por esta entrevista, podemos conhecer um pouco de João Antônio, sua história e formação, sua preocupação por nossa literatura e as histórias de seus livros. Uma observação importante a se fazer é a correção que faz na p.132 da vila onde viveu: Vila Anastácio, que estava escrito “Anastácia”.

TORRES, Antônio. A questão sociológica na Literatura Brasileira. In: IV JORNADA NACIONAL DE LITERATURA, 1991, *Anais*, p. 60-70.

Antônio Torres, em “A questão sociológica da Literatura Brasileira”, inclui João Antônio e Ignácio de Loyola Brandão em “uma geração mais comprometida com uma literatura crítica”, que faz parte de uma literatura de diversos gostos: literatura crítica, literatura mais experimental, ou que visa um trabalho maior com a linguagem etc.

VEIGA, José J.. O escritor João Antônio. In: ANTÔNIO, João. *Guardador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p. 9-10.

Em *O escritor João Antônio*, José J. Veiga questiona sobre como classificar João Antônio: seria ele um escritor paulista? carioca? Conclui, enfim, que “ele é um escritor brasileiro dotado de grande capacidade de observação, de enorme talento criador”. Opõe-se, também, à comparação entre João Antônio e Lima Barreto”, porque fica nas exterioridades e nos preconceitos que ele encontra em nossas elites intelectuais”, e comenta um jornal alemão (o *B.Z* de Berlim ou *Die Welt* de Bonn) em que são dedicados elogios a João Antônio: “João Antônio, com seus livros agora traduzidos para o alemão, nos mostra que o Brasil, apesar de tudo, tem hoje uma literatura original e muito vigorosa”. Veiga encerra seu texto falando sobre as marcas na linguagem de João Antônio.

Vida Cachorra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p.58.

Em *Vida Cachorra* são dadas algumas informações bibliográficas acerca de João Antônio e seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, chamado por Marques Rebelo de “clássico velhaco”. Em seguida, temos a transcrição dos contos “Frio” e “Paulinho Perna Torta”.